ANNO XXVII — N.º 23
Rio, 10 de Junho de 1933
— PREÇO: 1$000 —

Confiança absoluta!

QUANDO os olhos se abrem para a vida, é nossa mãi que nos inspira a maior confiança. Dormimos ao calor de seu carinho e acordamos á luz de seu sorrisso.

E nunca mais os seus olhos vigilantes se afastam de nós. Á menor de nossas angustias, lá está ella attenta, de braços abertos para nos attender.

Nunca e nunca nos falha o santo remedio de seu amor.

Isso na face moral da vida. Na face physica, tratando-se de dôres corporais, CAFIASPIRINA merece a nossa absoluta confiança. Porque? Porque a CAFIASPIRINA não falha nunca. Uma dôr, um malestar qualquer ella immediatamente alivía.

Se não tiver a Cruz Bayer, não compre!

Cafiaspirina

o remedio de confiança

Contra as dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos; enxaquecas, colicas femininas, resfriados, reumatismo, etc., etc.

O CONTO BRASILEIRO

Cuidado com vossas mulheres...

* * *

QUANDO conheci Lucio Meira, elle já estava preso á sua ultima e fatal complicação sentimental. Amava duas mulheres de idéas e caracteres completamente oppostos. Possuiam, todavia, dois nomes suggestivos: creio que uma se chamava Olenia e a outra Mara.

Olenia — a que elle conhecêra no Prado da Moóca, e cujos olhos de lã verde tão grande influencia exerceram sobre a sua vida — era o typo da senhorita "standard", da "jeune-fille" lambusada de cremes e attitudes forçadas.

Era apathica. Não tinha vontade de nada, nem siquer de um capricho.

Quanto á outra, Mara, era uma cantora de tangos. A sua voz os homens ouviam de olhos cerrados, como si aspirassem um perfume sensual, sorvessem um licôr raro ou fossem beijados na bôcca.

Entre os pensamentos que sem querer ouvira dos homens que a possuiram, um só conseguiu interessal-a devéras, a ponto della, ás vezes, repetil-o. Era de Pitigrilli: "Não me dêm conselhos: sei errar por mim."

Lucio Meira não sabia nada da alma de Olenia nem da alma de Mara; conhecia-lhes a vida, apenas. E, como toda a gente que sabia da vida duma e doutra, estava enganado a respeito de ambas.

* * *

Creio que Lucio Meira amou as duas com igual intensidade, pois, na conversa que mantinha com ellas, a palavra sempre se insinuava com a persistencia com que occorre aos que não conhecem a parabola do amôr. Não podia viver sem vêl-as, nem que fosse um só instante. E, assim, a sua vida se repartia entre o appartamento da amante e a "garçonnière" que alugára para estar com Olenia mais a vontade.

* * *

Lucio Meira não sabia si amava mais a cantora ou a senhorita "standard".

Quando estava com uma, sentia falta da outra; quando estava só, sentia falta das duas. Era horrivel! Aquillo não podia continuar. Já não conseguia nem dormir de ciumes; nem comer; nem fazer coisa alguma.

Tornou-se magro, anguloso, psychastenico. Soffreu as mais obsecantes phobias. Si, por acaso, encontrava em algum muro a silhueta obliqua de um gato, tornava-se pallido de medo que elle fosse preto e lhe trouxesse azar.

Certa vez, chegou até a subir numa grade de jardim, para ver si não se enganára acerca da côr de um timido bichano, que fugira á sua aproximação. Um guarda nocturno quasi o prendeu como assaltante. Outra occasião, num dia de chuva, foi atropelado por uma bicycleta quando atravessava uma rua movimentada comparando o retrato das duas mulheres.

Depois de um destes episodios, em que o nosso personagem quasi foi amassado por um elephante de circo, um dos seus melhores amigos, Renato de Queiróz, fez com que elle se decidisse a passar um mez numa cidade de veraneio. Ezio Maia, seu amigo de infancia, que morava com elle no mesmo appartamento, achou a idéa excellente. Affirmou-lhe:

— Voltarás outro homem. Quanto mais tempo conseguires ficar, melhor para ti.

E foi assim que Lucio Meira, depois de se despedir dolorosamente das duas jovens, partiu para aquella bella cidadezinha de repouso.

De dois em dois dias, alternativamente, ellas lhe escreviam, como elle lhes recommendára. Pelos termos das cartas, podia-se calcular o quanto aquellas mulheres differente o amavam. Depois de uns quinze dias, Olenia, a senhorita, lhe escreveu, entre outras coisas mais ou menos cretinas: "Volta, meu amôr. Todos os meus nervos reclamam a tua presença junto a mim." E a cantora de tangos, por sua vez: "Lejos de ti mis ojos se quedaron melancolicos como los ojos de los niños negos. Y yo, para que no lo viera nadie, tuve que aislarme. La vida, que cerca de ti era dulce como en los fantasticos cuentos orientales, ahora és fea, desinteressante, vacia... Lo que ayer me parecia un sueño hoy és una pesadumbre... ! Y pensar que mi vida era um sueño que yo no queria analisar por temor á que, como en lo final de las leyendas, un dios me lo quitara!..."

Depois dessas cartas, Lucio Meira não conseguiu ficar nem mais um dia naquella placida cidadezinha de veraneio. Tomou o primeiro trem que partia para São Paulo e, na tarde desse mesmo dia, procurou Olenia no seu fidalgo "villino" de Hygienopolis.

Antes, porém, de lá chegar, surprehendeu um automovel parado junto á porta principal. Olhou o numero: "S. P. 1 — 22.222". Approximou-se indeciso e, pelo vidro de traz, viu Olenia com a cabeça apoiada ao hombro de Renato de Queiroz, o amigo que fez com que elle decidisse passar um mez numa cidadezinha serrana.

Sahiu dali aereo, deprimido, humilhado. Na cidade encontrou um amigo que não via ha tempo. Convidou-o para tomar um "drink".

Emquanto o outro falava, Lucio Meira atormentava-se em vão para comprehender o motivo da imprevista, da inesperada calma que, de repente, envolveu os seus sentidos.

Intimamente, estava quasi contente por Olenia ter-se revelado uma leviana; dali em deante, todo o seu carinho, toda a sua ternura seriam para Mara.

A' meia noite, rumou para o appartamento da amante. Entrou sem fazer ruido. Ia gyrar a maçaneta da porta do quarto de Mara, quando ouviu vozes do lado de dentro.

Ficou immovel, estupidificado, sem saber como agia. Só depois de alguns instantes conseguiu raciocinar com clareza.

Observou attentamente o aposento em que estava.

Sobre u'a mesa, havia uma cigarreira de ouro. Examinou-a e leu, á luz do "abat-jour": "Al Ezio, un regalito de Mara".

Sorriu... Mas não teve coragem de olhar o seu sorriso no espelho que havia á sua frente...

BRENNO SILVEIRA

Pertence ao novo romance de Celestino Silveira "Um homem de cimento armado", que já se acha no prélo e deverá apparecer por todo este mez, a pagina inédita que aqui offerecemos aos nossos leitores, sem recommendar, por desnecessario, o autor de tantas obras victoriosas, e cujo nome vale pelo que representa de prestigio e de valor pessoal. Celestino Silveira, collaborador brilhante de FON-FON, é o romancista de Os intoxicados, que alcançou, em todo o paiz, um successo de livraria verdadeiramente consagrador.

O futuro pae

O "club" dos funccionarios da Brazilite, em obediencia ao seu programma, está realizando uma série de excursões aos pontos mais aprazíveis da cidade e redondezas. Aquelle é o primeiro, um agradavel passeio maritimo pela bahia. O programma da festa vem sendo cumprido rigorosamente e nada foi esquecido para um brilho integral. Alem do "jazz" improvizado pelos funccionarios que tocam algum instrumento, uma orchestra profissional foi contractada. O "lunch" é offerecido pela direcção da companhia, e servido por uma confeitaria da rua Gonçalves Dias. Quem sabe nadar muniu-se de "maillots" e os socios tivéram permissão para convidar, cada um, trez pessôas da familia. Uma barca transbordante de gente moça e de alguma gente velha singra as aguas modorrentas, onde os reflexos de sól escaldante daquelle dia de janeiro se vão espelhando. Dança-se com vontade. O repertorio do proximo carnaval é sovado sem piedade, cumprindo o destino de todo o repertorio carnavalesco, resolvido a sumir na quarta-feira de cinzas, para um ostracismo definitivo.

Muitos rapazes fazem acompanhar-se das pequenas e muitas pequenas levaram os "cujos". Ha apresentações ruidosas, entre exclamações festivas, pancadinhas de hombro, gargalhadas estridentes, numa vontade contagiosa, de ficar alegre e aproveitar bem o passeio pelo qual se ansiou toda a semana. Muitas mamães de pequenas dactylographas acompanham as filhas casadouras, só "para tomar conta". Coxixos de ouvido para ouvido, critica aos vestidos, perfidias navalhantes ás esposas e noivas dos collegas:

— Você já reparou o quanto é feia a noiva do Pedro?

— Si já! E o marido da Margarida? Aquillo é homem que se apresente?

— Não é por falar, mas aquelle vestido da Zita deve ter sido cortado em Maxambomba. Vamos ter falta de gosto!

Os rapazes têm os seus grupinhos. Contam anecdotas. Levam camisas abertas no peito, calças de flanellas, sapatinhos brancos, *bonets*, de official de marinha e tambem "cortam":

— Não vê que eu me "passava" p'ra um "chavêco" daquelles!...

— A garota do Nilo? Ainda ha peores!

— Espera ahi, mas aquella morena que está com o Raul é "pra lá de optima"!

— Nem por isso...

Mas, quando o "jazz" rompe a "Formosa" fecham-se as thesouras e não ha quem regeite par. Estão abolidas as apresentações protocolares. Tudo é de casa, e já então o "chavêco" que é a garota do Nilo está nos braços do rapaz que não se "passava", emquanto o "marido" que não se devia apresentar" tirou, por acaso, aquella que pensava em dar pezames á collega pela triste escolha matrimonial.

A barca não tem pressa, porque o passeio abrange todo o resto do dia. Edmé ainda não dançou por não ter sido tirada. Não tem pressa nem é dos pares mais seductores, e os collegas, deante de tantas carinhas novas, protélam as trintonas. Todo aquelle borborinho a perturba, lhe bóle com os nervos. O calôr aperta; quasi desejaria estar em casa. Consegue

O Créme dental EUCALOL dá lindo brilho aos dentes e conserva a bocca limpa e com halito perfumado. Exija-o sempre do seu fornecedor.
CREME Dental Eucalol
Á BASE DE EUCALYPTO
Creme Dental
Eucalol
alypto

desviar-se da prôa, onde as danças mais se animam, procurando um lugar isolado no passadiço, e ahi vae encontral-a um collega:

— Por que não dança, Edmé?

— Um pouquinho cançada... E você? E sua senhora?

Elle explica ter ficado em casa, o que surprehende Edmé.

— Então é coisa que se faça? Casados de mezes e você sozinho aqui?!

Os olhinhos chinezes do outro ganham colorido novo e toda a physionomia se rasga num clarão illuminado. Todo elle ri, pelos olhos, pela bôcca, pelas contracções da face. Parece uma creança envergonhada:

— Não vê você...

— Não vêjo o quê, homem?

— E' que ella não póde sahir mais...

Edmé comprehendeu, mas não o demonstra:

— Porque você não deixa! E vem você sozinho, hein? Esses maridos...

O rapaz adquire coragem:

— Não é isso... E' ella mesma que não quer sahir... Tem vergonha!

Depois faz a confidencia: vae ser pae! Sim, elle mesmo, que é que está pensando? Custou-lhe a acreditar. Chegou a pensar que tudo ainda falhasse, mas o medico garantiu como certo, e desde essa tarde não sabia bem o que havia sido, transformou-se todo. Elle que éra um despreoccupado, sem ligar a nada, passou a pensar seriamente no futuro. Sentia nada ainda ter feito, agora precisava cuidar do "amanhã", para garantir a existencia "do que estava para vir".

Edmé diverte-se com o acanhamento do rapaz, antes tão estouvado:

— Quêr vêr? Nem o carnaval, veja você! Estamos em vesperas de carnaval e nem estou ligando! Quando é que eu havia de pensar? Ainda no anno passado, já noivo, de compromisso, fiz as maluquices que você sabe... Este anno? Quem diz! E toda esta transformação, movida por alguma coisa que, bem pensado, quasi ainda não existe! Uma coisinha de nada, que eu não conheço ainda, que as minhas mãos ainda não palparam, nem os meus braços alentaram! Mas que já é toda a minha preoccupação, sabe você? Que já se corporificou para o meu espirito e o meu coração!

Agora, Edmé olha-o, com melancolia, com invéja:

— Repare você como a vida é engraçada! — continuava o futuro papaezinho. Fui, sempre, um maluco. Reconheço que fui. Toda a gente me dava conselhos; tudo inutil... Mesmo p'ra casar, houve quem me abrisse os olhos, dizendo ser "besteira". Não sei si foi. Sei que conheci e casei com a Thereza em menos de meio anno. Agora, de um dia para outro, fico assim, compenetrado, sizudo que nem velho casmurro! Não dou p'ra mais nada, nem p'ra dançar, veja! Si estou aqui, foi mais p'ra fazer acto de presença — mas que vontade de estar em casa, Edmé! Não é comico, tudo isto?

Edmé franziu a testa. As palavras sahiam com difficuldade:

— Não é comico, não, é humano!

E, num sussurro:

— Como a sua Thereza é feliz!

O rapaz olhava-a bestificado:

— E... você acha mesmo que eu serei um pae ás direitas? Saberei educál-o? Dar-lhe juizo? Coisa que eu nunca tive, não é?

Ella, maternalmente:

— Acho, sim; você será um pae ás direitas. Já o está sendo agora, antes de nascer seu filho. Ha de educál-o e pedirá juizo emprestado, si não tiver, para transmittil-o ao herdeiro...

Apertou-lhe as mãos, transfigurada, muito amiga:

— E' o espirito do seu filho que já vem actuando sobre todo você, recalcando seus pensamentos levianos, fazendo de você um bom esposo. Dizem que os mortos régem os vivos, mas deve ser falso: os que ainda não nasceram, mas vão nascer, esses, sim, é que podem orientar quem já aqui está!

A orchestra recomeçava. Era um samba onde o malandro do morro chorava a ausencia da "cabrocha". Felizes, as "cabrochas"! Encontram mais de um homem que as queira! Emquanto que Edmé... Mas, como que desmentindo o seu pensamento, surgiu um rapazola desconhecido, tirando-a para dançar. Ella acceitou. Dava já os primeiros volteios, e ainda o futuro papae lhe gritava, delirante, afastando-se:

— "Torça" p'ra ser homem!

Edmé sorriu:

— Ha de ser homem...

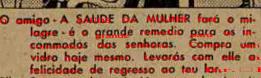
E dançou com o desconhecido que lhe teceu um madrigal cretino.

CELESTINO SILVEIRA

Ella - Homem sem coração! Chego em casa sem me dar a menor attenção e vae logo metter o nariz nos jornaes a vêr si encontra photographias de serigaitas de MAILLOT! Monstro!
Elle - ?!

Ella - Não me interrompa! Pirata! Conquistador de meia-tijela! Já sei que vae dizer que estava lendo as cotações dos generos: Batatas! Já ouviu? Bá-tá-tas!!
Elle - Mas...
Ella - Cale-se!

Ella - Maldita a hora em que me casei! Meu Deus, como sou infeliz!
Elle - Mas nem um santo aguentaria isto! Que inferno! Todo dia uma scena! Decididamente, a rua é o unico logar onde posso estar socegado! Safa!

O amigo experiente - Meu caro, si a amas tanto, procura cortar o mal pela raiz. Vires para a rua a cada accesso, não adianta.
Elle - Mas, que fazer?
O amigo - A causa da irritabilidade da tua senhora deve estar no máo funccionamento do utero ou dos ovarios. Por que não a fazes tratar-se?
Elle - ?!

CAMPAINHA DE NOITE

PHAR. LOUR

Ella - Lembras-te, querido? Faz hoje um anno que brigámos pela ultima vez...
Elle - Másinha! Para que recordar?
Ella - Para abençoarmos a SAUDE DA MULHER, que me restituiu ao teu amor!...

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

ESPIRITO DE ECONOMIA

De PAUL VERLAY

PERSONAGENS: Monette, vinte e cinco annos. Henrique, marido de Monette, trinta e cinco annos. Nove horas. Monette entra no escriptorio de seu marido, com essa expressão séria, propria de seus dias de grande preoccupação. Henrique, já habituado a essas grandes manifestações, não parece muito impressionado. A unica coisa que deseja é que sua mulher não o distraia, por muito tempo, de seu trabalho. Mas, sendo, como é, um homem muito bondoso, e de uma grande indulgencia, e apaixonado por sua mulher, acolhe-o com um sorriso, attento ao que ella vae communicar-lhe.

MONETTE. — Henrique, acabo de reflectir seriamente...

HENRIQUE. — Sobre que, querida?

MONETTE. — E' preciso que comecemos a fazer economia. Precisamos reduzir nossas despesas... Eu, por exemplo, posso realizar verdadeiros milagres no capitulo de minha *toilette*, e quero que saibas que sou capaz de fazer...

HENRIQUE. — Declaro-me prompto a seguir-te nesse caminho, e garanto-te que cada vez te admiro mais.

MONETTE (*recusando, com modestia, os galanteios de seu marido*). — Não, não... Espera que eu te explique tudo... Depois julgarás...

HENRIQUE (*accommodando-se em sua poltrona, para escutál-a*). — Vejamos, pois, esses projectos...

MONETTE. — Oh! Começarei pelos pequenos detalhes... Notaste que a repetição destes constitúe depois as coisas mais importantes?

HENRIQUE. — Com effeito.

MONETTE — Pois bem: sabes que preciso de um chapéo de primavera, o que é a mesma coisa, para começar a estação. Um chapéozinho para todos os trajes (sou tão pouco mundana!), simples, sóbrio, mas bastante elegante para, em caso de necessidade, poder tambem fazer visitas com elle... Já estive na casa das modistas, e sabes quanto deveria gastar para comprar um? Apenas cento e cincoenta francos! E mesmo por esse preço, que pensas que conseguiria? Ora, quasi nada...

HENRIQUE. — E' alarmante de facto... Então, resolveste passar sem chapéo?...

MONETTE. — Ah, não! Acho que não o permittirias. Eu mesma fabricarei um.

HENRIQUE (*com desconfiança*). — E saberás fazêl o?

MONETTE. — Póde ser que, a principio, não consiga fazêl-o completamente só. Mas já tenho meu plano feito: nossa vizinha, a senhorita Mauberg, confecciona todos os seus. Convidál-a-ei gentilmente para tomar chá comnosco. Si concordas, até poderiamos convidál-a para jantar. Ella se sentirá muito lisonjeada, e, além do mais, é bastante sympathica. Depois, nalguma tarde que passe comnosco, e como si não désse ao facto maior importancia, lhe pedirei seu conselho sobre a confecção de um chapéo, e ella mo dará...

HENRIQUE (*que não deu grande attenção ao assumpto*). — Ah, sim! Com effeito..., ella te indicará a melhor maneira de fazêl-o e...

MONETTE. — Evidentemente... Apenas devo começar comprando o necessario.

HENRIQUE (*desejando apparentar interesse*). — Certamente... Eu já pensava que devias começar por ahi...

(Continúa na pag. seguinte)

PARA VENCER AS

HEMORROIDAS

SÓ HA UM MEIO : USAR A

POMADA E OS SUPPOSITORIOS

MIDY

PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO

A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

MONETTE. — Pois, para minhas compras, me bastará uma tarde. Encontram-se coisas maravilhosas na rua Lafayette. E' um pouco longe, mas me traria uma grande economia comprar os artigos alli. Preciso tambem de uma *aigrette*, oh, quasi nada, e mais alguma coisa que collocarei no chapéo quando quizer tornál-o mais elegante, já que, como sabes, me servirá para dois fins... Para conseguir uma *aigrette* por um preço razoavel, é preciso ir á rua de Saint Jacques, a um pequeno armarinho que, não pagando grande imposto, póde vendêl-as barato. E quando não use a *aigrette*, precisarei de um broche de prata cinzelada. E este eu só poderei encontrál-o no *boulevard des Italiens*. Tomarei um taxi para ir até alli... Trata-se de não perder tempo.

HENRIQUE (*resolvido a experimentar tudo*). — Como combinaste bem as coisas!

MONETTE. — Sim. E estou muito satisfeita de ter arranjado as coisas dessa fórma. Creio que sou muito methódica, condição que falta á generalidade das mulheres, e da qual me parece que disponho em alto grão. Ha só um detalhe que me inquietou por um momento. Mas tambem já o resolvi.

HENRIQUE (*lançando um olhar a seu escriptorio, onde o espera seu trabalho*). — Esse detalhe seria?...

MONETTE. — Verás. Pensava em nosso pequeno Rini. Não é possivel que deixe o menino sozinho com esta creada nova e de pouca confiança que temos. Elle ainda não a conhece bem, e estou certa de que choraria toda a tarde. E

Espirito de economia

(*Continuação*)

* * *

eu, por minha vez, estaria preoccupada, nervosa, e não poderia dedicar-me a minhas compras como desejaria. Como sabes, quando não se tem o espirito livre...

HENRIQUE (*com expressão*). — Ah, sim. Já o sei...

MONETTE. — Pois bem: pedi á filha do porteiro, que é uma menina muito ajuizada, que leve, nessa tarde, Rini ao *Guignol Lyonnais*. Eu pagarei as duas entradas, como é natural. Depois, o levará a alguma confeitaria para tomar seu chá, e por volta das dezenove horas estarão de regresso. E darei á menina algum presentinho para agradecer-lhe a attenção. Que te parece esta maneira de agir?

HENRIQUE. — Parece-me inspirada na propria sabedoria. E desde já me sinto curioso por ver a obra de arte que sahirá de tuas mãos.

MONETTE (*sorrindo com ar entendido e confiado*). — Querido: não é para elogiar-me, mas considera que, onde existe um pensamento salvador, tambem existem os meios de realizál-o. E' isso o que esquecem tantas mulheres.

Oito dias depois. Durante toda a semana levou Monette uma vida extenuante. Passou trez tardes de compras, trocando e devolvendo adornos. A senhorita Mauberg tomou com elles o chá quatro vezes, e jantou duas noites em casa de Monette. E quando Monette se decidiu a solicitar seu concurso para a confecção do chapéo, a senhorita Mauberg sentiu-se subitamente atacada de enxaqueca, tendo sido obrigada a retirar-se cêdo, e só poude, assim, dar-lhe algumas vagas indicações.

Rini passou uma tarde muito divertida no "Guignol", em companhia da filha do porteiro, que recebeu, além do mais, um lindo collarzinho. Durante as outras duas tardes, Henrique viu-se na necessidade de occupar-se do menino, que entornou um tinteiro sobre uns papeis seus, de importancia. Monette trabalhou febrilmente, e no maior mysterio, durante cinco noites, em que ninguem a ouviu cantar nem rir como de costume. E quando, afinal, quiz Henrique ver o resultado de tantas agitações gastos e trabalhos, respondeu ella com a maior naturalidade do mundo e como si se tratasse de algum pequeno episodio sem importancia e já quasi esquecido:

— Ah, sim!... Aquelle chapéozinho de que te falei... Que espirito detalhista é o teu, para te lembrares dessas coisas pueris!... Com a fazenda que comprei fabriquei uma almofada deliciosa para meu *boudoir*. A *aigrette*, eu a offereci a mamãe, pois, na realidade, me fazia muito velha... Quanto ao broche, me veiu ás mil maravilhas para minha nova blusa..., e hoje comprei um chapéozinho encantador por cento e quarenta e nove francos, na rue de la Paix... Baixaram muitissimos os preços..., e eu sei que dentro de pouco haverá novas liquidações...

saibam todos...

ARAUJO NETTO (Amazonas) — E' impossivel attender o seu pedido. Os seus sonetos estão fracos. Mande coisa melhor, sim?

HELOISA (Capital) — Olá! Uma bella carta de paulista? Naturalmente, a sua missiva deve ser um encanto.... As paulistas e as gaúchas — as legitimas, entenda-se! — são sempre adoraveis em tudo.... Logo, tambem escrevendo ellas não desmentem esse conceito...

Vejamos o que diz v. ex.:

"Yves. Você disse: "Nunca a gente na vida é bem feliz."

Infelizmente, é uma verdade.

E quando obtemos aquillo que julgavamos ser um grande bem, eis que temos outras ambições, novos desejos e assim vamos nós sem nunca atingir a verdadeira felicidade.... si é que ella existe.

"Bonheur, tel est le nom
d'un joli papillon.
On court après, il vole;
on court encore plus fort,
on le touche, el est mort!

Naturalmente conhece essas adoraveis frases.

Pois Yves, não desejo tocar neste "joli papillon".

Mas, se a gente nunca é bem feliz na vida, ao menos alegre pode-se e deve-se sempre ser.

Sendo assim: você quer me fazer um pouco mais alegre do que sou? E' muito simples; basta responder-me o seguinte:

Ha tempos atraz, escrevia como todos, na pauta do papel, porem não mais o faço. Que significa em grafologia?

Tenho muitos defeitos e se isto for máu, procurarei corrigir-me.

E' facil o que peço, não?

Si obtiver de você uma resposta serei eternamente grata.

E si não conseguir?

Neste caso, terá do mesmo modo a minha gratidão (pois teve a paciencia ou impaciencia de ler minha carta), e a grande admiração que sempre teve da paulista que por ser mulher, é como todas, curiosa. — *Heloisa*."

Ora, v. ex. me pergunta porque é que não escreve mais em papel pautado...

Resposta:

1º — Porque não o usa;

2º — Porque a mulher sendo voluvel em tudo, é natural que mude de idéa de um dia para outro. E nesse caso o que fazia hontem, com a maior convicção, não o fará amanhã... Todas ellas são assim...

3º — Si v. ex. não escreve mais na pauta do papel, é porque não deseja fazel-o... "Ce que femme veut..."

VAIDOSA (S. Paulo) — A sua missiva é deliciosa de gentileza. Como me encantou pelos seus termos e pelo bello espirito que v. ex. põe a descoberto, através das suas palavras!

Na sua carta, diz v. ex.:

"Yves. — Você tem cantado, em varias cronicas deliciosas, a monotonia dos domingos burguezes; deve isso desculpar quem procura um prazer para passar melhor um desses dias, isto é: perdão para mim, que lhe escrevo.

A verdade é que você poeta, intelligente, culto, espirituoso, exerce certo dominio sobre meu cerebro e talvez mesmo sobre meu coração. Tenho, as vezes, vontade de acariciar suas poesias!

E' que eu gosto de você como poeta. Você sabe pôr tanta meiguice em suas frases!

E eu gosto de ternura, de tudo que é delicado, fragil; gosto das

coisas leves, das suas poesias macias, gostosas de se ler de se ouvir, de se sentir.

Ha tempos, Yves, pedi-lhe um estudo grafologico. Você me atendeu. E mostrou ser um perfeito grafologo. Não errou. Disse em poucas palavras o que eu era. Mas alguma cousa no que você disse magoou minha vaidade. Por isso não lhe agradeci. Aproveito pra fazel-o hoje. Minha vaidade adormeceu um pouco. Se ella acordasse, pediria a você que visse melhor, se eu sou ou não "bastante" inteligente.

Você passou como "gato por brazas" sobre esse assumpto...

Olhe: minha vaidade acordou. Portanto, pense no pedido que ella faz agora e pense tambem em satisfazel-a, sendo possivel. Tinha tanta vontade de ser um talento... Gosto de você, Yves, ainda que você não se dê ao trabalho de me responder. — *Vaidosa*"

Declara v. ex. que a sua vaidade acordou. Ora, si continuasse a dormir, eu ainda teria medo de que ella fosse somnambula e, no melhor da festa, quer dizer, do seu estudo grafologico, saisse ás tontas, pegasse do cabo da vassoura, e me desancasse as costas... Imagine estando ella desperta! Que tragedia!

Por isso, emquanto ella se levanta, calça os chinellos, e vae lavar os dentes, — eu tomo do chapeu, e vôo escada abaixo, com medo, — oh! um verdadeiro pavor! do cabo de vassoura...

CYRANÉE (E. do Rio) — Mas é mesmo verdade que v. ex. deseja ouvir um julgamento sincero sobre a sua fantasia literaria?

Sériamente? E depois? Vejamos o que me diz v. ex. na sua carta apressada:

"Sr. Yves. Que o meu bom dia o encontre em perfeito bom humor. Quero pedir sua opinião sobre um conto que escrevi. Poderia ter me dirigido a outra pessôa que não fosse "o Yves", mas... só me acatariam com lisonja e adulação e é disto justamente que procuro

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-9706
FON - FON — 10-6-933

Data da consulta...........
Nome da consulente...........
....

fugir. Aprecio immensamente a franqueza, porisso!... vou ouvil-o com gosto, pode estar certo.

Em baixo, transcrevo o conto: "Scenas que se repetem..." mas... terá que desculpar-me de não fazel-o á machina, está bem? Eis a razão: não tenho onde fazel-o. E' verdade que irei ao Rio, esta tarde, mas o mais que poderei fazer é pôr a carta na caixa do correio porque tornarei a Therezopolis amanhã mesmo.

Agradecida. — *Cyranée*"

Ora, li, attenciosamente, o seu trabalho, e cheguei a uma conclusão...

Para que dizer a verdade? Esta, em casos taes, só tem uma utilidade: provocar o nosso amor proprio, quando ella não nos é favoravel.

E' o caso em apreço.

Si eu disser a verdade — que a sua collaboração é mediocre, coisa de principiante sem grandes probabilidades v. ex. dirá comsigo, mordendo os labios lindos e pintados: "Esse Yves é um cão! Grosseiro na sua franqueza! Brutal! Não tem consideração com uma joven de 16 annos..." E por ahi afóra...

Entretanto, si e a elogiasse e mentisse affirmando que o seu

(*Continua na pag. seguinte*)

A chegada da primavera

De BRUNO RUBY

ADELMA VILLIERS, grácil, meiga, com os hombros brancos e muito nús sahindo livremente de seu vestido escuro como as camelias do púcaro que tinha a seu lado, contemplava-se ao espelho. Era bella, indiscutivelmente bella, e naquella ultima noite de inverno experimentava, mais uma vez, o prazer de verificalo...

No emtanto, isso não era tudo! Aproximando-se da janella, aberta ao pleno e tepido ar, e contemplando o céo anil sobre aquelle dôce Mediterraneo que ainda em pleno inverno palpita entre rosas e laranjas. Adelma constatou que o ser bella é muito pouco deante das forças eternas como a terra, o vento, a agua, tão indifferentes ás paixões humanas; e que se torna preciso o amôr para consolo de tal insignificancia.

Pois bem: Adelma era casada e se achava sem marido. Tinha tambem em sua vida um homem que se dizia muito apaixonado por ella, e não estava ali. Aquella noite, que assignalava o fim do inverno e o começo de uma nova primavéra, era, pois, muito mais cruel que qualquer outra...

Desde um mez atraz, a joven senhora se encontrava na *Côte d'Azur*, em um desses grandes hoteis acariciados pelas ondas do mar e circumdados de luxuriosa floração, e que constituem uma cidade cerrada, onde se reserva aos estrangeiros millionarios uma vida sumptuosa e rythmada por uma orchestra eterna. Adelma estivéra enferma de uma especie de esgottamento nervoso causado pela vida febril de Paris, e agora descansava, sem maior prazer, naquelle delicioso logar. Com effeito: suas ferias forçadas haviam-lhe provado que seu marido, Jorge Villiers, já não a amava verdadeiramente (elle era rico e os negocios que pretextára para ficar em Paris não pareciam urgentes), e que Francisco Bellac, embora pretendesse arder de paixão por Adelma, não lhe offerecia nada de melhor (sua ausencia naquella data clássica na *Côte d'Azur* não encerrava outros motivos além de seus deveres mundanos ou familiares).

Que desillusão!... Adelma tomou por testemunha della as estrellas que brilhavam sobre o mar. Depois, com duas lagrimas apontando-lhe nos olhos — tão frequentemente qualificados de adoraveis —, desceu para o jantar.

A principio, pensára fazer-se servir no quarto, mas o jantar de Primavéra era em beneficio dos *Maîtres d'hôtel*, e ella não quiz recusar-se a contribuir para o melhor êxito, com sua presença.

A immensa varanda de onde se dominava o mar, e que em grande parte era destinada ás danças, se achava alegremente decorada.

(*Continúa na pag. seguinte*)

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

trabalho era uma maravilha, v. ex. veria que eu não estava sendo verdadeiro, — mas acharia melhor e gostaria mais da mentira...

De modo que não dou opinião sobre a sua composição... Salvo si me permittir uma mentira desbragada... Prefére assim?

Si o prefére, queira, na sua proxima viagem ao Rio, pôr a sua respostasinha no correio...

Daqui até lá v. ex. poderá já ter feito grande progresso. E, certamente poderei elogial-a sem constrangimento.

MARGOT (Capital) — Sim Perfeitament. Quando quizer. Medo de que? O diabo é mais bonito do que o pintam... E' o que lhe garanto. De mais, deve confiar no cavalheirismo alheio...

Quanto ao endereço do escriptor, não sei si elle deseja fornecel-o a qualquer pessôa. Entretanto, uma vez que sabe o telephone da sua repartição, o melhor é fazer uma tentativa, no sentido de ver si elle quererá attendel-a.

Penso que um homem fino, educado, não tem o direito de receber mal a uma das suas admiradoras. Salvo si se trata de um *trote* insipido, como os que costumo levar, mesmo contra a minha vontade.

O resto... não póde ser nesta pagina, madame... E bem sabe por que...

AVELINO DUARTE (Capital) — A sua anecdota não é grande coisa. Entretanto, será publicada.

YVES

que delicioso perfume!
A este esplendido producto devo a minha cutis fina, macia, avelludada, sem manchas, espinhas ou sardas! O sabonete de Eucalypto Beijaflor purifica o ar que se respira e hygienifica o corpo que o usa! Não acceitem imitações.
Exijam, só, o legitimo
sabonete
de eucalypto
Beijaflor
para o banho e para a toilette

A CHEGADA DA PRIMAVERA - (Continuação)

A orchestra tocava com languidez. Adelma viu que as mesas de dez e de doze logares — bastante numerosas ornavam o fundo da sala. As de quatro e as de dois encontravam-se na frente. Por fim, nos dois extremos do circulo, figuravam as mesinhas individuaes.

Foi naturalmente a um desses recantos que o *maître d'hotel*, com um sorriso respeitoso, conduziu Adelma. Antes ella fôra ver si o porteiro, por descuido, não se esquecêra de entregar-lhe algúm telegramma que lhe annunciasse uma chegada imprevista. Depois, se sentou á sua mesinha adornada de cravos e mimosas, resolvida, subita e firmemente, a requerer o divorcio no dia seguinte, como queria fazêl-o desde varios mezes, mas não já em proveito do muito razoavel Francisco Bellac. Pediu um *cock-tail*. Em seguida, para acompanhar o frisão e o *fois-gras*, trez vinhos que deviam fortificar sua decisão.

Ainda não sabia o que faria quando os nossos projectos foram postos em execução. Era-lhe indifferente. A vida, para ella, não passava de um pouco de areia que lhe escorregava entre os dedos. Todos os annos anteriores: areia! A nova primavéra que ia iniciar-se talvez fosse identica. Nada ficaria della entre suas phalanges cerradas. E os annos continuariam assim, implacaveis, indifferentes, até a velhice...

Um dos emplumados ephebos contractados pelo hotel para dançarem com as mulheres sós se inclinou deante de Adelma. Ella se collocou entre os braços do profissional e tentou encontrar nisso algum prazer. O rapaz era moreno, de traços finos e sorriso commercial. Dançava maravilhosamente. Mas Adelma não chegou até o fim da dança. Aborrecia-se... E, ao voltar a seu logar, só então reparou em seu vizinho de mesa. Era um joven athletico, moreno, de olhos azúes, muito bonito e de elegancia perfeita. Infelizmente, Adelma sabia que estava paralytico da perna direita. Uma quéda de avião, a espinha dorsal affectada, e aquelle magnifico espécimen humano ficára transformado em um aleijado.

Havia um mez, com esse subtil entendimento que une os solitarios perdidos em um grupo, Adelma e elle se cumprimentavam diariamente, ligeiramente, no salão de jantar. Mas não tinham ido mais longe. Com effeito: embora Carlos Swift (mesmo com grande humildade, consciente de sua inferioridade deante dos outros) a contemplasse sempre de uma maneira que deixava logar a duvidas, Adelma não tivéra nenhum desejo de travar relações com aquelle desgraçado, que precisava do apoio de um bastão para poder caminhar. Desde logo, uma vez que estava sentado, se impunha aos outros homens. Mas... nem sempre se está sentado.

No emtanto, essa noite, ao voltar a sua mesa e receber em pleno rosto o olhar pathético de Swift, Adelma sentiu um pequeno aturdimento. Como pudéra elle, em um segundo e sem uma palavra, fazer-lhe comprehender que tinha pena della por vêl-a sem companheiro e que daria sua vida para que ella não continuasse considerando-o como uma ave agonizante em um caminho lodoso?

"Deve ser maravilhosamente sensivel — pensou Adelma. — Gostaria de conhecêl-o melhor!"

Depois, sentindo que deslisava por uma costa perigosa, cortou bruscamente aquella mudança telepathica.

"De que serve fazer um esforço para procurar não estar só? Tudo se perde, afinal, na indifferença e na morte!" — pensou.

E, voltando-se, esqueceu seu amigo desconhecido, para continuar a dançar com os adolescentes mercenarios e a beber seus trez vinhos.

Faltando um quarto de hora para a meia-noite, Adelma, naturalmente, não havia recebido mensagem alguma de Paris, apesar de sua secreta esperança de um telephonema. E affirmava, intimamente, que *isso* já lhe era indifferente, quando começaram a ser distribuidos, a cada dama, dois pequenos objectos. Um delles era para guardál-o como recordação da festa; o outro, era para entregar ao cavalheiro com quem ella desejasse dançar á meia-noite.

Adelma esboçou um sorriso amargo. Evidentemente, no minuto em que ia terminar o inverno, para ter inicio a primavéra, todas as luzes, segundo o costume, iam ser apagadas, afim de que cada mulher tivesse o direito de se deixar beijar e de formular um voto. Para esse momento, para esse beijo tão importante, que devia attrahir a felicidade durante todo o anno seguinte, se procurava escolher bem o companheiro, ou não escolher ninguém, e partir. Por um instante, Adelma pensou que isso era o melhor para ella. Depois teve mêdo do ridiculo, e, sobretudo — superstíciosa como quasi todas as mulheres, — da má sorte.

Tinha na mão um precioso cinzeiro de porcelana de Copenhague. Ia entregál-o a algum daquelles gentis rapazes contractados por cem francos a noite? E a qual delles? Ao loiro, ao moreno, ao castanho? Aquelle que não tinha rivaes no tango, ou ao outro, que valsava tão bem?

Adelma contemplava o cinzeiro e, novamente, seus olhos se encheram de lagrimas. Estava só!...

Mas, ao voltar-se ligeiramente para enxugar suas palpebras, sentiu-se de novo presa do olhar do aleijado, como deslumbrada pela luz de um pharol...

Não. Não estava só...

Precisamente nesse momento soou o gong, annunciando que se ia fazer a escuridão, uma vez

(Continúa na pag. seguinte)

duas vezes, e, a terceira, mais demoradamente, á meia-noite, hora do voto a formular e dos beijos a trocar.

Depois do ruido do gong, reinou um repentino silencio. Em seguida, quasi todas as mulheres — umas desenvoltas, outras timidas — se dirigiram áquelle que haviam escolhido.

Adelma, que enxugára os olhos sem rubor deante de Carlos Swift, formulou um novo interrogatorio... Si seu marido ou Francisco Belloe, por uma especie de milagre, surgisse ali de repente, que faria ella, agora? E teve a sensação punjente de que não iria para elles. Tudo havia terminado. Não acreditava num nem noutro. Sentia-se necessitada de um amôr seguro e sem egoismos.

Então, sem reflectir mais, se levantou e pôz nas mãos do formoso inglez o cinzeiro de Copenhague. Viu que o joven se ruborizava e empallidecia ao mesmo tempo. Ella, por sua vez, se ruborizou e empallideceu. Fazia-se a primeira sombra, e ambos se calavam. Quando voltou a luz, se observaram com tal intensidade, que o sangue parecia parado em suas veias. Veiu a segunda sombra, e suas mãos se uniram. Adelma sabia o que queria dizer, o que occorreria em seguida, mas o calor dos dedos musculosos que rodeavam os seus a penetrava até o coração.

De novo a luz, ella não se moveu, nem tampouco elle. Os pares que dançavam projectavam sobre elles sombras lijeiras, a musica infundia desejos de chorar, os olhos de Carlos Swift diziam a Adelma, com força extraordinaria, que ella não era formosa em vão... Quando chegou a terceira sombra, e o pendulo enorme deixou ouvir a primeira das doze badaladas, uma bôcca fresca pousou sobre a moça, dizendo: "Ama-me!" E Adelma não poude deixar de repetir exactamente a mesma palavra, emquanto devolvia o beijo. Seu voto estava pronunciado.

A nova primavéra nascia deante das forças eternas: a terra, o vento e a agua, tão indifferentes ás paixões dos homens. Mas o amôr estava ali.

A duodécima badalada se extinguiu. As luzes voltaram a brilhar. Adelma viu que chegára para junto do athletico Carlos e que estava de braço com elle.

— Não sei bem o teu nome — disse ella.

Antes que elle respondesse, ambos se estreitaram mais fortemente, um contra o outro, sorrindo.

A primavéra nascêra cinco minutos antes...

A MODA
Seja na mais alta roda
Ou entre gente modesta,
A dictadura da Moda
Ninguem discute ou contesta.
A Moda manda e desmanda
E dicta leis, caprichosa,
A' matrona veneranda
Ou á pequena Melindrosa
E em seus caprichos varia
Como varia a mulher:
Aquillo que quer, um dia,
No outro dia já não quer.
Mas num ponto os seus decretos
Não serão, jamais, mudados:
E' aquelle em que julga abjectos
Os vestidos desbotados.
E diz: — "Em qualquer tecido
Só côres firmes convém:
Comprem só o que foi tingido
Com corantes INDANTHREN."
I
Indanthren

ANNO XXVII — FON-FON — NUMERO 23

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 10 de Junho de 1933

MANUEL GÁLVEZ

HOUVE ultimamente em Buenos Aires uma questão literaria bastante suja, da qual foi *magna pars* o escritor Manuel Gálvez, pretendente ao premio Nobel e até a êle apresentado com a assinatura levianamente dada por alguns academicos brasileiros. Foi o caso da publicação de cartas do autor de *La Maestra Normal* a Jorge Max Rhode e Carlos Obligado, com referencias a Lugones e Martinez Estrada. Gastou-se muita tinta com o caso. A atenção pública foi por êle monopolizada. E, afinal *El Mundo* declarou com sabedoria. "Mejor hubiera sido para el autor de las cartas no escribilas y para sus destinatarios no publicarlas. Habian salido ganando por igual. Pero está visto que los hombres deben tornar al polvo y que no todos tienen la cordura de delegar en terceiros la confeccion de su propri sepultura."

Nessa correspondencia revelada ao povo argentino e ao mundo literario, Manuel Gálvez diz ter arranjado a entrada de Carlos Obligado para a Academia Argentina de Letras a troco de sua adesão incondicional; que Max Rhode o elogiara servilmente nas suas criticas por outras vantagens, sobretudo por pagar-lhe na mêsma moeda; chama a Lugones "mulato miseravel"; revela os compadrescos e combinações em que se imiscúiu para a outorga de premios literarios em dinheiro a seus comparsas e afilhados; e, como diz *El Mundo*, "ejemplariza la conducta de una familia de escritores superficiales, familia *clan*, que halagan en la literatura su mezquina vanidade de hombres" e documenta a existencia, na profissão das letras, na Argentina, de "una suerte de aristocracia de las letras, con relaciones de peso y santos patronos que se distribuyen a la larga todos los premios, canonjias y titulos, sin llegar a producir nada que pueda transcenderlos."

Desafiado a bater-se em duelo, Gálvez recusou-se, alegando sua crença cristã. Mais cristãos eram os cavalleiros antigos e todos sempre se bateram. Com o seu "no me envíen los padrinos, porque soy católico y no podria aceptarles", encobriu somente sua covardia pessoal, a mêsma com que nos seus romances guerreiros insultou os grandes mortos do Brasil Imperial.

A imprensa portenha não lhe poupou remoques e duras palavras na polemica a que deu lugar a revelação das cartas. Na sua opinião, nunca houve cousa "espiritualmente menos elegante", os gangsters e os footballers portam-se com mais galhardia e nunca se viu tal exemplo de conducta e valor moral! Emfim: "Somos prontos para el olvido y no sabemos condenar. Creemos ahora qe se han labrado todos ellos una lápida, y manana los escucharán por ahi como se escucha a cualquier persona de bien. Las actitudes deshonestas, la indignidad, no cuentan para nosotros lo que una acción afortunada. Las cartas de Gálvez han revelado el fondo de una questión súcia a que muchas veces nos referimos inutilmente aqui mismo: la politica de los premios en este pais, dijimos, es cuestión de familia. Entre un punado de escritores sin outros meritos que la perseverencia se reparten los dineros del pueblo mientras innumerables jóvens luchan por darse una educación que ni su posición social ni su caudal pecuniario les permiten."

Embora pelas colunas do *Correio da Manhã* houvesse eu pulverizado as injuriosas acusações de Gálvez contra o Brasil e os brasileiros, na maioria covardemente postos á boca de seus personagens romanticos; embora a polemica que entretivemos, eu no *Correio*, êle na revista portenha *Criterio* esteja incluida no volume *O Brasil em face do Prata* e demonstre que o esmaguei com documentação irretorquivel, houve brasileiros que tivessem coragem de andar angariando assinaturas para sua apresentação ao premio Nobel e houve outros, alguns academicos, que levianamente emprestaram seus nomes á tentativa. O caso alarmou a opinião pública, os jornais clamaram e os estudantes fizeram protestos.

Agora, o escandalo das cartas reduz Gálvez ao seu verdadeiro papel de cabotino e aventureiro literario sem probidade, que faz negocio com as poltronas da Academia Argentina e com os premios da mêsma paga seus apaniguados.

Esquecerão os nossos homens de letras isso tudo e assinarão ainda alguma lista em seu favor?

GUSTAVO BARROSO

Rendas de espuma

EGOISMO...

O egoismo humano é, na realidade, um dos mais deploraveis defeitos do homem.

Isso dizia-me, ha dias, um amigo, numa dessas tiradas ao velho Joseph Prudhomme ou á Conselheiro Accacio, como si houvesse ainda alguma duvida a tal respeito.

O egoismo não é, porém, somente o maior defeito do homem porque mais egoista do qe elle é a mulher.

* * *

Imagino o desapontamento com que os bellos olhos das Evas me estarão lendo, neste momento...

Mas, por Deus! não se diga que sou injusto ou que exaggero.

Em regra geral a mulher, dizendo-se mais altruista, mais desprendida do que nós, é sempre mais interesseira, mais pratica, mais immediatista do que o homem.

Ha excepções? Ha a relatividade das coisas? E' claro.

Mas não é com as excepções e o relativismo das coisas que se argumenta.

* * *

Aquelle meu amigo da tirada á Joseph Prudhomme — para illustrar a sua these — contou-me o caso de um cavalheiro que, funccionario publico zeloso, dedicado e excellente chefe de familia, não fazia outra coisa sinão viver para a esposa.

Emquanto elle se esforçava para lhe dar todo o conforto possivel, e cercál-a de attenções, sacrificando-se e enchendo-se de dividas, ella tudo exigia delle, com o fim unico de agradar a um terceiro.

E depois de outros detalhes, que não vêm ao caso, elle perguntava com um certo calor na voz:

— Haverá maior prova de egoismo?

— Não — retruco eu. Ahi não ha só egoismo...

E elle, completando o meu pensamento:

— Sim... Ha mais do que isto... Ha uma infamia... E' querer só para si...

— Para si, apenas?

— E para outro! — berrou elle.

E eu, maliciosamente:

— Talvez — para "outros"...

* * *

Particularizando a questão, basta notar o caso que occorre com os homens de imprensa.

Um cavalheiro, que pretende dedicar-se ás letras, ou a qualquer outra arte, recorre aos que, num jornal ou numa revista, o podem auxiliar. Pode depois de triumphar não lhes ser muito agradecido. Pode os não recompensar, devidamente. Mas, na maioria dos casos, elle reconhece o obsequio recebido. E, si não lhe é difficil de todo, é capaz de trabalhar em favor daquelles que o ajudaram a vencer.

* * *

Mlle. Zorayda Carmen Ferreira da Silva, que acaba de conquistar o primeiro logar no concurso de canto do Instituto Nacional de Musica, é figura de realce em nossa sociedade e uma voz que se tem feito ouvir com successo nos salões cariocas. Mlle. Zorayda é alumna da professora Camilla da Conceição.

Si, porém, se trata de uma saia — e essa saia adquiríu mais babados ou mais laçarotes — quero dizer, se foi a uma joven que se ajudou a vencer — na literatura, ou nas artes, ella, muitas vezes, nem siquer se digna ou deseja dar-se a conhecer. Parece que considera a sua gratidão, no caso em apreço — uma offensa á sua propria vaidade, ou melhor, uma humilhação perante aquelle a quem ella tem de julgar forte e superior: o seu protector.

* * *

Mas, vejam até onde chegam o egoismo e a incoherencia desses anjos letrados, dessas deusas doublées de *bas-bleus!* Quando notam que não ha bôa vontade de nossa parte, ou certa reacção, se vingam em atirar-nos os mais duras apôdos: "Piratas, interesseiros, egoistas... Não trabalham sem um objectivo..."

Sem objectivo! E' edificante!

YVES

Ensemble de dîner en velours noire.
Le manteau et le chapeau sont garnis d'hermine.

LONGE DE TI...

Horas difficeis de passar, longe de ti...
Fico tão só, quando não estás.
A noite pára, como agua morta em volta de um porto.
Meu quarto dorme o somno de um morto,
Longe de ti...
Tu não virás...
Por que foi que te conheci?

Quarto vazio. Corpo sem vida. Morte sem somno;
Afoga-me a noite neste silencio, nesta paz.
Meus nervos gritam exasperados.
Meus olhos ficam despovoados,
Quando não estás.

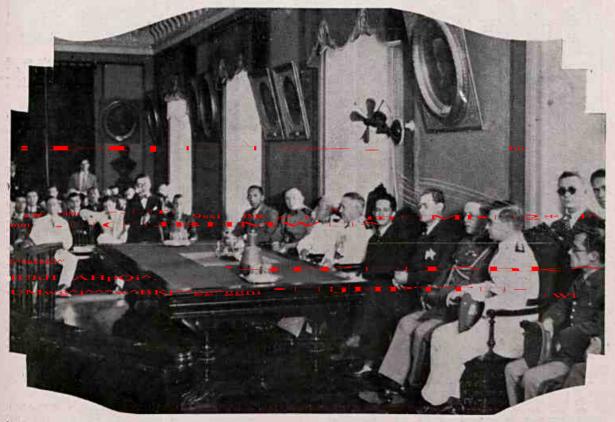
Fujo de mim. Casa sem dono. Tu não virás.
Tudo parado. Tudo morreu.
Sem a esperança de te esperar,
Vamos passando, mas sem viver,
A noite e eu.

As horas todas são horas más,
Quando não estás.
E o que, meu Deus, eu vou fazer
Por todo um seculo de noite
Que vou passar?

Ah! si eu pudesse dar-me a illusão
De que virias. Eu encheria
A noite toda de tua espera.
E a noite toda floresceria
Como as campinas na primavera.

Mas tu não vens. E a noite é lenta
E desgalhada como o Verão.
E a noite é lenta e não tem fim,
Longe de ti.
Por que te quero um bem assim?
Por que foi que te conheci?

Francisco Karam

Inaugurou-se, com a conferencia que o dr. Martinho Nobre de Mello realizou no theatro Municipal, na noite de quarta-feira da semana passada, a Sociedade Brasileira de Cursos e Conferencias, fundada nesta capital por iniciativa de um grupo de intellectuaes brasileiros, figuras de alto destaque em nossos meios culturaes e sociaes. O embaixador portuguez fallou sobre «Cancioneiros e romanceiros de Portugal», tendo sido muito applaudido. Compareceram á conferencia inaugural da S. B. C. C. altas autoridades, membros do corpo diplomatico e muitas outras pessôas gradas. Presidiu á solennidade o professor Afranio Peixoto, que estava ladeado, á mesa, pelos drs. Gustavo Barroso, Rodrigo Octavio Filho e Fernando Magalhães.

No salão nobre da Escola Polytechnica realizou-se quinta feira penultima a cerimonia da abertura dos cursos da Escola de Engenharia Militar, que alli estão funccionando. Assistiram á aula inaugural, dada pelo professor Belford Roxo, que dissertou sobre o thema «Das vantagens do ensino commum militar e civil nas disciplinas fundamentaes da technica da engenharia», os ministros da Guerra e da Agricultura, o chefe da casa militar do chefe do governo provisorio, o representante do ministro da Educação, o chefe do estado maior do Exercito, o reitor da Universidade e os directores da Engenharia Militar e da Escola Polytechnica, além de professores e alumnos desse estabelecimento.

TEU SOFFRIMENTO...

EU sinto e tambem soffro o teu soffrimento. Porque toda inquietação, toda magua, toda sombra de tristeza que desce sobre tua alma santificada no altar do meu coração, tambem desce sobre mim, reflectindo-se em todo meu ser.

E eu sei que soffres, meu amôr, que te fazem soffrer os que, como eu, deveriam amar-te e venerar-te de joelhos.

Mas, a vida é assim, e os corações como as almas, sem comprehender a dôr que semeiam em derredor de si, muita vez ficam surdos á voz interior dos seus melhores sentimentos e, surdos, não escutam o clamor do soffrimento daquelles a quem torturam, embora inconscientemente, e, cegos, não vêem a onda de pranto, prestes a rebentar, a agitar-se-lhes na angustia da retina cheia de afflicção.

Um dia, porém, sobre essas mesmas almas e sobre esses mesmos corações descerá a luz das grandes revelações de Deus. E, de olhos descerrados, verão, então, e ouvirão, tambem, o que não quizeram ver, nem ouvir, nem comprehender.

Perdôa-lhes, assim, todo o mal que te fazem agora, mesmo porque amar é saber soffrer e perdoar sempre.

E, serena, resignadamente, aguarda o dia da illuminada revelação com que a propria vida os fará voltarem para ti, para te venerarem de joelhos como eu já estou fazendo, eu que tambem errei, que fui máu algumas vezes e que, tambem, fiz soffrer, o coração mais nobre e mais digno e a alma mais pura que já encontrei sobre a terra.

Perdôa, amando sempre, até que te comprehendam e amem como eu hoje te amo e comprehendo... Mesmo, porque amando e perdoando sempre santificas o teu amôr na eucharistia do teu soffrimento... — E.

Veiga Miranda, escriptor de largos recursos, com uma bagagem literaria que prestigia grandemente o seu nome, acaba de publicar mais um romance: «O voluntario de Santa Therezinha», livro de feição mystica, que envolve um thema patriotico e religioso, inspirado em motivos da revolução paulista. Tratando-se de um autor consagrado pela critica, torna-se desnecessario realçar os meritos do escriptor e da obra, dignos ambos do successo que está alcançando «O voluntario de Santa Therezinha». Cumpre-nos, apenas, registar esse successo, com os applausos ao novo triumpho literario de Veiga Miranda.

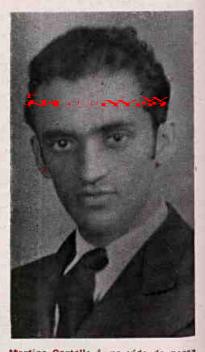
"CONTRA A SORTE"

As paginas repassadas de sentimento, as que reflectem estados de alma, attitudes de corações deante da vida que passa, pontilhada de imprevistos, cheia de inquietação e de duvida, são as que mais de perto tocam e commovem o intimo do nosso ser. Porque são paginas que tambem vivemos e que revivem sempre no ambiente de cinza da nossa saudade.

Contra a Sorte — a ultima obra de D. Amelia de Freitas Bevilaqua — é a historia de uma vida, de um coração, de uma alma, deante da vida. E' um pequeno volume que se lê, emocionado, sentindo, através das suas paginas, fluir e cantar a agua corrente da nossa propria vida.

Aguas passadas, ás vezes, mas que ficam sempre a fluir e a cantar dentro de nós sua canção de amôr e de saudade...

Um livro sadio e bom, espontaneo e sincero, e de uma delicadeza encantadora, esse que vem de publicar a distincta escriptora patricia, a quem muito agradeço o exemplar com que me distinguiu.

Max Linder

Martins Castello é, na vida da nossa imprensa actual, uma figura de remarcado destaque. Espirito penetrante, arguto, conhecedor dos magnos problemas que interessam, mais de perto, á nacionalidade brasileira, e mesmo os de caracter internacional, o nosso brilhante confrade é um elemento precioso, na elaboração de um jornal moderno, vibrante, e essencialmente popular, como o «Diario Carioca». Eis por que Martins Castello foi escolhido, pelo grande matutino de Macedo Soares, e por outros orgãos, igualmente importantes, para represental-os no Velho Mundo. Martins Castello será, portanto, o enviado especial desses jornaes, numa excursão que realizará pelos principaes paizes da Europa. Pondo em pratica a sua technica jornalistica, a serviço de uma intelligencia agil e realizadora, Martins Castello conta entrar em contacto com varios homens de responsabilidade, no momento europeu, afim de inteirar-se da situação mundial, num inquerito rigoroso. Colherá, para isso, uma série de flagrantes e depoimentos autorizados sobre o assumpto. Martins Castello, que partirá no proximo dia 30 do corrente, pelo «Siqueira Campos», demorar-se-á na Allemanha, na França e na Italia.

* **

A FESTA INICIAL DO «MEZ DA CIDADE»

Iniciaram-se auspiciosamente, no dia 1.º do corrente, as festas do «Mez da Cidade», promovidas pelo Touring Club do Brasil, com a collaboração dos nossos confrades d'«A Noite» e sob o patrocinio da Prefeitura do Districto Federal. O primeiro numero do programma desses festejos constou da inauguração do monumento do pequeno vendedor de jornaes, que «A Noite» mandou collocar na avenida Rio Branco, entre as ruas do Ouvidor e Ourives, e, em solennidade publica, offereceu á cidade. O monumento é um expressivo trabalho de Fritz, que plasmou suggestivamente o garoto jornaleiro. Esta pagina fixa trez detalhes photographicos da ceremonia, vendo-se o palanque destinado ao mundo official, onde se achavam o representante do chefe do governo provisorio, o ministro Oswaldo Aranha, o interventor Pedro Ernesto, o dr. Lourival Fontes e outras autoridades, e, no medalhão, o illustre escriptor Coelho Netto proferindo o discurso inaugural do monumento.

Trepações

PASSOU o verão, a deliciosa época dos banhos de mar, quando Copacabana sorri para o beijo matinal do sol.

Agora, a praia está deserta, sem o encanto dos *maillots*, sem as bonecas de carne que embriagam os nossos sentidos deslumbrados pela belleza de suas fórmas. Fugiram os casaes amorosos com a aproximação do inverno; mas um ficou, affrontando as rajadas frias que vêm do lado do oceano. Ficou na areia fulva, despreoccupado, sem o martyrio do relogio, murmurando madrigaes interminaveis porque o casal não vê coisa alguma do que se passa em redor.

E porque são duas creaturas que já deviam ter juizo é que a gente se admira, pois, em casa de ambos, deve haver quem os espere...

Vicente Leite é um admiravel e silencioso creador de Belleza. No seu «atelier» da rua Marquez de Abrantes, esse espirito animado pelo sôpro divino da Arte realiza, infatigavelmente, as inspirações da sua actividade creadora. Suas télas, suas paizagens, seus nús são trabalhos que honram um grande artista. Ainda agora Vicente Leite vem de conquistar uma nova victoria com o «Prêmio de Viagem pelo Brasil», instituido pelo Lloyd Brasileiro, e que lhe foi conferido no salão da Associação dos Artistas Brasileiros. A victoria de Vicente Leite nesse certamen foi auspiciosissima para a arte brasileira. Poucos dos nossos artistas «sentem», como elle, a nossa natureza, que tanto já lhe tem inspirado quadros de real valor. E, nessa viagem pelo Brasil, durante um anno, o distincto pintor patricio certo terá o melhor ensejo para uma nova e fecunda demonstração dos admiraveis recursos artisticos que vêem marcando e projectando cada vez mais accentuada e amplamente sua obra e seu nome.

AINDA não foram vistos juntos, mas o caso não tem a menor importancia...

Trata-se, evidentemente, de um escrupulo, muito louvavel, da parte do rapaz, que não tem outro interesse sinão defender *mademoiselle* da lingua da cidade.

Elle é um perfeito cavalheiro, apesar das victimas innumeras que por ahi transitam, da sua ousadia donjuanesca. A morena está garantida, e elle não revelará o segredo, nem mesmo ao seu melhor amigo. Entretanto, o acaso nos fez conhecer a felicidade do rapaz e estamos com agua na bôcca... Numa cidade onde não se fala mal da vida alheia, onde descobrimos um pratinho assim delicioso, até é maldade guardar o segredo para uso proprio. A morena comparece pontualmente *ao local do crime*... aos sabbados, e lá encontra sempre o nosso heróe, naturalmente para um chá, elegante, absolutamente escondido dos olhos curiosos... Quando regressa á casa, vae sempre só.

O rapaz desapparece inteiramente da circulação e só na segunda-feira é visto no posto de trabalho

Não acham que a historia é interessante?!...

TENTAÇÃO! Não se trata do titulo de um novo film. Queremos alludir a um episodio banal de todos os dias fornecido pela vida intensa das grandes cidades.

O respeitavel funccionario publico anda atribulado, sem saber como resolver o seu caso intimo, quando sempre reprovou os collegas menos precavidos da sua conducta na repartição. Desde, porém, que a garota surgiu na repartição, o nosso burocrata sentiu que havia perigo na zona... Que lindos olhos! Que rostinho formoso! Que boquinha deliciosa! A tentação em carne e osso, da qual era necessario fugir a todo panno, para ser mantida a respeitabilidade do illustre funccionario.

A garota, entretanto, resolveu mandar um pedaço na repartição e vae conseguindo tudo o que deseja...

Entra e sáe quando quer, falta quando entende, e nada lhe acontece, porque o collega facilita tudo.

O facto é que o exemplar burocrata vae perdendo o prestigio entre os collegas, vencido pelos caprichos da *tentação*, e, quando procurar reabilitar-se, era uma vez um homem serio, etc...

Sente-se que elle tenta resistir, mas está preso, vencido, inteiramente dominado, fascinado!

Coisas da vida...

* * *

«FON-FON» EM PARIS

A menina Cecília Lopes Corrêa, filha do editor brasileiro Corrêa e néta do consul do Brasil na capital franceza, sr. João Baptista Lopes, num quadro da pintora Nina Alexandrovitch, que tem figurado com grande exito em varias exposições de Paris.

GLYCINIAS

Foi hontem que eu passei, sozinho, pelo caminho sinuoso onde as nossas illusões voavam como passaros medrosos. Fazia um luar magnifico de noite tropical. Mas o frio de junho, aggressivamente nostalgico, dava a impressão de que o nosso caminho era de gêlo, e da gêlo tambem era a encosta lyrica de onde, sonhando, tantas vezes contemplámos a cidade vertiginosa, embebidos na inquietação da felicidade.

E eu, passando ali, sob o luar, pensei nas noites claras em que penetrámos, deslumbrados, a floresta da esperança, olhando a vida que faiscava lá em baixo e olhando, interiormente, para a nossa propria vida angustiada pelos preconceitos do mundo. Então, conversávamos só para nós, fazendo projectos inúteis e confiando á noite rutilante o grande segredo do nosso coração insatisfeito e amoroso.

Foi hontem que eu passei ali, para matar ou avivar saudades adormecidas. Vi o muro em ruinas, a cidade resplandecente, a montanha verde galvanizada de luar. Vi tudo isso, e não vi nada. Porque os teus olhos, meu amor, os teus olhos côr de felicidade andavam longe dos meus olhos côr de soffrimento...

* * *

Sylvio Júlio é, sem favor, uma das mais authenticas expressões da intellectualidade e da cultura brasileira contemporanea. Sua physionomia literaria tem caracteristicas proprias, inconfundiveis. Conhecedor profundo do movimento espiritual ibero-americano, da historia e da actividade mental e cultural deste lado do continente, Sylvio Júlio é autor de varias obras de mérito, que lhe marcam posição de destacado relevo no scenario da nossa vida literaria. Esse espirito combativo e forte de lutador, de attitudes, ás vezes, apparentemente aggressivas, e só apparentemente, se nos revela, agora, sob uma nova feição literaria. E, poeta, Sylvio Júlio derrama, prodigamente, nas paginas do seu novo livro toda a riqueza emocional de sua alma e de seu coração. «Ritmos da Illusão e do Desencanto» é o titulo dessa nova obra reveladora do poeta magnifico que é, tambem, o illustre e conhecido escriptor.

* * *

IMPERFEIÇÃO

(de Amado Nervo

Achamos imperfeitas e inharmónicas muitas coisas no mundo. Mas, como as achamos assim? Achamol-as assim com nossa razão.

Nossa razão é, pois, a rectificação mysteriosa e perenne das coisas. Deus parece julgar o mundo de nossa razão.

Isso faz pensar que um dia o universo estará de accordo com a razão e a razão de accordo com o universo.

E assim se realizará a identidade final.

Si cessasse por um momento a fantasmagoria do Espaço e do Tempo, com a qual nosso cérebro constróe o universo, só restariam almas immoveis deante da Realidade.

O novo embaixador do Chile nesta capital, sr. Marcial Martinez Ferrari, ao deixar o palacio do Cattete, depois de ser recebido, para entrega de credenciaes, pelo chefe do governo provisorio. O illustre diplomata chileno apparece, no «cliché», acompanhado do introductor diplomatico, sr. Rubens Ferreira de Mello, e dos secretarios da embaixada do Chile.

Sorrindo...

UM CASO FATAL

No Casino do Copacabana, onde, todas as noites, se reúne uma sociedade que gosta de dissipar elegancia e dinheiro, haviamos — eu, o Olegario Marianno, o Gustavo Barroso, o Claudio de Souza e o Adelmar Tavares — formado uma roda de commentadores mais ou menos irreverentes, em torno da mesa clara que escolhêramos. Conversavamos santamente sobre a Constituinte e seus possiveis effeitos no organismo politico do paiz. As eleições recentes foram, tambem, assumpto da nossa hora de bohemia chic. O poeta illustre de Agua Corrente *declarou logo que estava satisfeito com o resultado do pleito historico, por que tivera votação bem significativa para o seu nome e para o seu prestigio. Esperava ser eleito. Si não o fosse, ao menos provaria que literatura tambem vale alguma coisa nesses prélios de civismo.*

O autor de O santo do Bréjo, *com sua habitual verve de causeur magnifico, fez* blague *com as esperanças do Olegario, e assegurou que desta vez o poeta seria derrotado pelo Beltrão, cujos versos só em politica poderiam concorrer com os do scintillante cantor das* Ultimas Cigarras...

Quando a roda ouviu a blague *do Barroso, um dos companheiros (não commetterei a indiscrição de citar-lhe o nome...) se mostrou desejoso de jogar na roleta e, tirando da carteira uma nota de duzentos mil réis, pediu licença aos outros, e exclamou:*

— Vou ver si arranjo cria com esta nota. Preciso ganhar dinheiro. E a roleta, quando não serve, dá. Quem sabe... Até já...

E dirigiu-se á sala de jogo.

Durante meia hora, a roda ficou privada da alegria e do espirito do companheiro, que voltou mais silencioso e mais triste da sala do panno verde.

Os companheiros continuavam palestrando. Não mais politica era o thema fascinante dos commentarios do momento. Agora, as mulheres que passavam entercecciam os olhos e a palavra dos conversadores irreverentes.

— Então?... Arranjaste cria?... — perguntaram todos.

— Sim. Alguma. Duas de dez mil reis... Mas occorreu um caso fatal...

— Um caso fatal?!...

— E' que morreu a mãe...

M. C.

*

O vendeiro da esquina, lusitano de bigode negro, trabalhador e economico, queixava-se a um de seus freguezes de que seu negocio ia de mal a peor.

— Imagine o senhor que eu soffro um prejuizo diario de mais de cincoenta mil-réis! Um horror meu amigo!

— E por que não fecha a casa? suggeriu-lhe, como solução desesperada, o freguez do vendeiro.

E este, puxando o bigode opulento, respondeu, offendido:

— Si eu fechar as portas, de que vou viver, meu amigo?...

*

EXISTEM no Rio varias agencias de casamentos. Foi numa dellas que ouvimos, o outro dia, este dialogo.

— Então o senhor assegura que a candidata que me offerece traz um dote de quinhentos contos?...

— Exactamente.

— ... E que está tuberculosa em terceiro grão e depois de casada, não viverá mais de um mez?...

— Cavalheiro, a nossa casa é séria e só negocia com casos garantidos!

*

"UMA mulher que havia aprendido a chorar defronte do espelho — conta Stahl — dizia a uma de suas amigas:

"— Antigamente, quando eu chorava, me desfigurava por completo. Hoje, choro como um anjo..."

*

O ladrão foi levado pela quarta vez á delegacia do oitavo districto, onde o dr. Martins Alonso resolvia um caso complicadissimo da Favella.

— Outra vez por aqui!... — exclamou o delegado. — Como foi isso?...

— Foi por engano, seu doutor... — respondeu o meliante.

— Por engano? Não é possivel!

— Juro-lhe que foi, seu doutor. Eu pensava que o guarda-nocturno estava de costas.

*

DE *Honoré de Balzac*: "A virtude das mulheres é a melhor invenção do homem".

SIMPLICIO, que só foi feliz depois que a mulher morreu, um dia tambem deixou o mundo e foi bater á porta do céo.

São Pedro, compassivo e paternal, recebendo-o, disse-lhe:

— Entra, meu filho. Tua mulher espera-te ha dez annos, e já está impaciente.

— Obrigado... obrigado... — gaguejou Simplicio. — Mas... errei a porta... Eu ia... para o inferno...

*

O homem estava aprendendo a guiar automovel e dirigia um carro moderno, que certo vendedor queria passar-lhe. Mas por pouco deixou de ir de encontro a uma arvore. Então, disse ao vendedor:

— Eu compro o carro. Mas o senhor tem que me ensinar como se pára quando ha arvores.

*

AGONIZAVA um homem de negocios, grande jogador na Bolsa. Chamado o sacerdote para ministrar-lhe os ultimos sacramentos, ouve do padre o moribundo:

— Coragem, meu filho! Tenha confiança em Deus. Fique certo de que as bôas acções lhe serão descontadas no céo.

— Ah! — suspirou o homem que agonizava. — As bôas acções... Vendi-as todas! Só me restam as más!

*

— MAS, Deolinda, você traz ou não traz a agua quente que lhe pedi ha mais de uma hora?

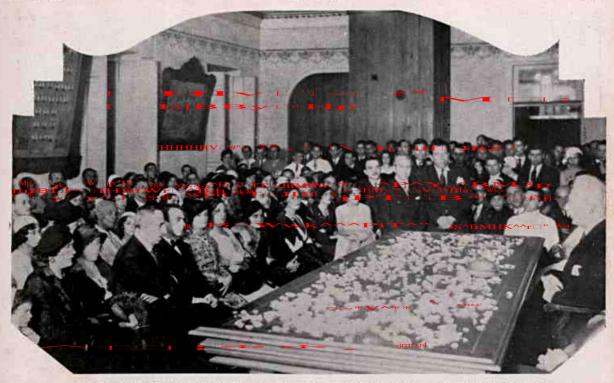
— Vou já, patrôa. E' que a agua estava demorando muito a ferver, e eu puz outra, para ver si fervia mais depressa.

*

— SIM, doutor. Logo que me senti mal, fui ao pharmaceutico, que me aconselhou...

O medico interrompeu o cliente:

— E' um máu costume esse dos doentes irem ao pharmaceutico antes de dirigir-se ao medico! Os pharmaceuticos só aconselham bobagens!

— ...a vir procurar o senhor, que era um grande medico — concluiu o cliente.

A festa de formatura dos contadores da turma de 1932 da Academia de Commercio do Rio de Janeiro foi realizada nos salões do Botafogo F. C., sabbado á noite, e se revestiu do maior brilho. O «clichê» acima focaliza um detalhe da cerimonia da collação de grão.

VENTURA

(... vou enviar-lhe esta carta com receio:
— si porventura não gostar de mim?!)

E antes de pôr a carta no correio
tive um bello postal escripto assim:

— "Adoro-te. Si fôr correspondida,
eu serei tua para toda a vida"....

•

COINCIDÊNCIA...

Eu estava pensando em tanta coisa linda,
e tu passaste, casualmente...

BRINQUEDO

Tu quizeste, no amor, brincar de esconde-esconde...
Peguei meu coração e escondi no teu peito...
Mas fugiste e o levaste eu não sei para onde!
Vivo agora a buscal-o, ansioso e insatisfeito...

•

TRISTEZA

Antes de ver-te, amor, não sabia chorar:
— fui alegre e feliz.
Hoje sou triste e choro e ando sempre a scismar
ao depois que te quiz...

(Do "Collar de Saphiras", inédito).

JOHNNY DOIN

Grupo de senhoras e senhoritas que tomaram parte no baile offerecido pelos novos contadores da Academia de Commercio do Rio de Janeiro, após a solennidade de sua collação de grão, nos salões do Botafogo F. C.

FOOTBALL

O campeonato brasileiro de profissionaes

Domingo foi um dia cheio para o football profissional. Realizaram-se nesta capital dois encontros que interessaram vivamente os nossos circulos sportivos. Ambos entre paulistas e cariocas. No stadio do Fluminense, que se encheu de «torcedores» enthusiastas, jogou o «team» do Corinthians com o do tricolor. No campo do America, igualmente cheio, defrontaram-se o conjuncto que nos mandou a Portugueza e o forte quadro do campeão do Centenario. Foram dois «matchs» sensacionaes, que offereceram os lances mais impressionantes, como os que focaliza esta pagina.

CORREIA DIAS, que ha vinte annos pertence ao Brasil, porque, embora portuguez de nascimento, durante tão longo periodo, a sua arte tem dado ao nosso paiz uma obra fecunda e valiosa, vae realizar, no proximo dia 12, na séde da Pró-Arte (quinto andar do edificio da Associação dos Empregados no Commercio) a grande exposição dos seus ultimos trabalhos. Pintura, desenho, caricatura, esculptura ceramica, etc. — todos esses generos das bellas-artes figurarão na exposição de Correia Dias, que será, sem duvida, o acontecimento artistico deste mez.

O illustre artista é um nome que dispensa elogios. Sua individualidade é por demais conhecida e apreciada nos circulos intellectuaes do Brasil, e ninguem, entre nós, será capaz de negar-lhe os meritos em que assenta o seu prestigio. Todos os grandes vultos da nossa literatura contemporanea, nesses quatro lustros, foram illustrados pelo lapis de Correia Dias, que trabalhou em FON-FON, durante alguns annos, e foi para esta revista que fez o seu primeiro desenho publicado no Brasil, quando aqui chegou ha vinte annos passados.

Temos, assim, motivos especiaes para registar com alegria a noticia da proxima exposição desse legitimo artista que é de Portugal e que é nosso, porque vive e trabalha no Brasil.

O cliché acima focaliza um dos trabalhos que estarão expostos na mostra de arte de Correia Dias e, no medalhão, a photographia mais recente do illustre pintor, tirada no studio do conhecido artista Annunciato.

CLARÃO E SOMBRA

Eu era feliz; eu era
Como a rosa, que, entre espinhos,
Ri por toda primavera
A' orla verde dos caminhos,
Nos quaes a loura Chimera
Tecesse os seus doces ninhos.

E, ou corresse a noite fria,
Ou raiasse o sol, embora,
A minha alma, que vestia
As vestes de ouro da aurora,
A's aragens desprendia
ditosas canções canoras.

Tanta era a felicidade
Que me espantava; e, no emtanto,
Não sei de infelicidade
Que aos felizes cause espanto;
— Almas virgens de saudade,
— olhos ermados de pranto.

E a tão suave ventura
Que ainda, ao longe, as mãos agita,
Succedeu a horrenda, a escura
Melancolia infinita,
Na qual a roxa amargura
Entrava a garra maldita.

E é esta atroz melancolia,
Que a minha alma se encadeia,
Como o toque da Agonia
Num triste sino de aldeia
Que, socegada, dormia
Por noite de lua cheia...

LEONCIO CORREIA

Na noite de 31 de maio ultimo seguiram para São Paulo, em carros reservados da Central do Brasil, os excursionistas que tomam parte no passeio turistico ao Iguassú, organizado pelo Departamento de Turismo do Touring Club do Brasil, sob a orientação do dr. P. B. de Cerqueira Lima. O «cliché» acima fixa um aspecto do embarque dos excursionistas.

A bordo do «Cap Arcona» seguiu, na semana passada, para Buenos Aires o dr. Octavio Guinle, presidente do Touring Club do Brasil. Ao seu embarque compareceu uma delegação de seus companheiros da directoria daquella instituição, composta dos srs. P. B. de Cerqueira Lima, Juvenal Murtinho Nobre, Alfredo Maia Júnior, Alfredo Ludolf, cel. José Maranhão, Edgard Chagas Doria e Benito Neves.

A alta sociedade carioca acolheu, com verdadeiro enthusiasmo, a noticia do grande baile de gala á moda do Primeiro Império que, fazendo parte das festas do "Mez da Cidade", se vae realizar nos salões do Copacabana Palace Hotel, na noite de 24 do corrente. Essa festa, para a qual se movimenta todo o nosso grand-monde, será uma resurreição artística da vida da aristocracia brasileira nos tempos de D. Pedro I, com a apresentação de trajes, danças, modas, jóias e attitudes características da época imperial. A festa, sob o patrocínio do sr. interventor Pedro Ernesto, está sendo organizada pelo Touring Club do Brasil, sendo de prever-lhe, por isso mesmo, êxito completo e memoravel. A gravura acima reproduz um aspecto dos salões do Copacabana Palace Hotel e uma encantadora figurinha da época imperial, que o Rio vae rever dentro de breves dias, numa festa de suprema e raffinée elegancia.

SENTIMENTAL

Quando vieres, traze o sonho que te fez feliz, soffrendo; o sonho que se te abriu em rosas num céo distante; o sonho que te poz doçuras no coração; e sonho que te deu perspectivas de delicias e que te gravou no pensamento a minha imagem.

* * *

Eu sempre pensei em ser o principe encantado de alguém; e cheguei a andar por este mundo como quem vae cançado de ser feliz, á procura do ultimo pouso; pois eu tinha perdido, já, quasi toda a esperança; mas eu só pensava em ti, desconhecida e bôa, que havias de vir; e, um dia, tu chegaste e eu me julguei o teu principe encantado.

* * *

Hoje, ha tantas estrellas pelo céo azul; o luar empoeirou de branco a paizagem; as fontes estão cantando, cantando; as rosas estão se abrindo como lábios a sangrar; os lyrios são cálices brancos enchendo-se de flócos de luar; e eu vejo, nos teus olhos deslumbrados, tudo o que ha no mundo, e, no teu corpo que freme, tudo o que ha na vida; e eu fico deante de ti, comtigo, porque és meu sonho; e tu ficas deante de mim, commigo, porque eu sou teu.

Enlace da senhorita Ida Helena Monjardim com o sr. Antonio de P. da R. Vianna, realizado nesta capital.

O Centro de Preparação de Officiaes da Reserva promoveu, na penultima quarta-feira, no Campo de São Christovão, uma expressiva festa sportivo-militar para commemorar o 7.º anniversario de sua fundação. O nosso «clichê» focaliza dois aspectos dessa solennidade, quando se realizava o desfile do C. P. O. R. deante das autoridades presentes.

* * *

"Quando vieres", eu dizia quando não te conhecia; mas, hoje, tu estás perto de mim; e eu não sei qual de nós dois partirá primeiro; nem sei da razão da partida; só sei que o nosso amor não é eterno; e que, por isso, si quizeres ser feliz fazendo a minha felicidade, deves chegar-te para mim como naquelle dia em que procuravas o principe encantado.

* * *

Assim, todas as vezes que viéres, vem pela mesma estrada por que vieste a primeira vez; sonha que eu tenho sempre uma illusão nova para te dar; que eu tenho um mysterio que tu precisas desvendar; e que eu estou sempre lá no fundo da paizagem cheia de luar e de sonhos, á tua espera, como um deus pequenino que te faz feliz.

RUY CÔRTES

O major Agricola Bethlem, superintendente do Ensino Secundario, procurando conhecer «de visu» as condições dos diversos institutos de ensino desta capital, sob o regimen de inspecção preliminar, tem visitado varios desses estabelecimentos. Quarta-feira da semana passada, s. s. distinguiu com a sua visita pessoal o Collegio Baptista, á rua José Hygino, na Tijuca, cujas vastas e confortaveis dependencias percorreu demoradamente, em companhia de varios membros da directoria e do corpo docente daquelle conceituado educandario e do inspector federal junto ao mesmo, dr. Elcias Lopes, nosso prezado companheiro de trabalho. O nosso «cliché» focaliza dois aspectos da visita do superintendente do Ensino Secundario ao Collegio Baptista, vendo-se, ao alto, o major Agricola Bethlem, ladeado por membros da directoria do Collegio Baptista, professores, inspector do ensino, além de numeroso grupo de alumnos do departamento gymnasial. Em baixo, um aspecto da visita ao bem installado laboratorio de sciencias physicas e naturaes do grande educandario.

A galante menina Maria da Gloria, filhinha do casal Jaetts Carlos Maciel-Stella Maciel, reuniu em sua residencia, no penultimo dia de maio, que assignalou a passagem de seu quarto anniversario, um grupo de amiguinhas e amiguinhos, para festejar assim, entre sorrisos e brinquedos, a sua grande data.

UMA FESTA DE ESCOTEIROS

Trezentos e dois pequenos escoteiros pertencentes á Federação dos Escoteiros da Light foram recebidos, domingo pela manhã, na séde do Centro Militar de Educação Physica, em brilhante e expressiva festa que se realizou com a presença de altas autoridades e outras pessoas gradas, além de muitas familias e de cerca de trezentas alumnas da Escola Secundaria do Instituto de Educação. Compareceram pessoalmente o ministro do Trabalho, dr. Salgado Filho, o interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, o commandante do Districto de Costas, coronel Lago, o commandante do Batalhão Escola, coronel Gracho Barreto, o director do Centro Militar de Educação Physica, major Raul de Vasconcellos, o director da Escola Secundaria do Instituto de Educação, dr. Mario de Britto, mr. C. A. Sylvester e senhora; mr. A. Hutt, A. Wangler, F. C. Scoville, drs. Alfredo Santos e Alvaro Guanabara. Fizeram-se representar, entre outros, o ministro da Guerra, o chefe do estado-maior do Exercito e o director geral da Instrucção Publica Municipal. Foi uma linda festa de patriotismo, que marcou o inicio de uma nobre campanha em pról da educação physica de milhares de futuros homens, capazes de dar ao Brasil, assim amparados na efficiencia dos sports, todas as energias da sua força, da sua saúde e da sua intelligencia. A iniciativa da Federação dos Escoteiros da Light, suggerida, aliás, pelo nosso confrade Alvaro Guanabara, director da Light e um dos organizadores da Federação, merece, por isso mesmo, todos os louvores dos verdadeiros brasileiros e o apoio franco das nossas autoridades, que prestarão, dessa fórma, um serviço ao desenvolvimento da propria raça, concorrendo para a obra de civismo que é, sem duvida, a pratica dos sports dentro da bandeira associativa.

*

A reportagem photographica destas duas paginas de FON - FON dá uma idéa do brilhantismo de que se revestiu a festa da Federação dos Escoteiros da Light e focaliza aspectos em que se vêem as altas autoridades presentes, directores da Light, as jovens alumnas da Escola Secundaria do Instituto de Educação e os pequenos escoteiros da F. E. L.

O Club de Regatas do Flamengo offereceu, sabbado ultimo, uma brilhante «soirée»-dançante aos seus associados, nos salões do Automovel Club do Brasil, iniciando assim o programma de suas reuniões sociaes do corrente mez.

A DUVIDA

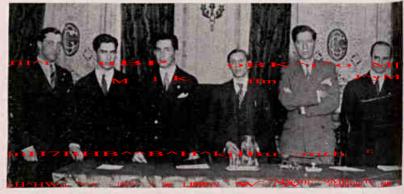
O Homem é um Tantalo, vendo a agua da Verdade correr na sua frente, sem poder alcançál-a...

ALUIZIO NAPOLEÃO

SABEDORIA

E' preciso ser mulher para saber vingar-se. — *Mme. de Reiu.*

*

Não depende de ti ser rico, mas depende de ti ser feliz. A fortuna não é sempre um bem e, certamente, é transitoria. Mas a felicidade que emana da sabedoria é eterna. — *Epicteto.*

A primeira directoria do Centro Mattogrossense de São Paulo, empossada em solemnidade realizada a 6 de maio ultimo, e que ficou constituida dos srs. Adhemar Barbosa, Athamaril Saldanha, Pedro Corrêa, dr. Lamartine F. Mendes, Frederico Augusto Muller, Casemiro Brodziak Filho e Mario Van Den Bosch.

O Trimotor Couzenet, 120 cv. Pipsy, deante do hangar de Alger, antes da sua partida para Paris. Esse possante avião chegou, sem escalas, á capital franceza, em 8 horas e 20 minutos, ou sejam 1.500 kils. na média de 190 kils. por hora, com uma equipagem composta de De Verneilh, Helbronner e Thomasset.

FEIRA DE AMOSTRAS

(State Fair)

Da FOX — Direcção de Henry King

com

Margy Frake..... JANET GAYNOR
Abel Frake..... WILL ROGERS
Pat Gilbert..... LEW AYRES

NAS doçuras da vida pacata de uma fazenda, vivia com todo conforto a familia Frake, muito querida e bem vista na localidade. Abel Frake, o chefe exemplar de uma familia de gente simples, estava ancioso pela exposição suina que se ia realizar, na Feira Annual do Estado. Tinha dispensado um especial e particular carinho á criação do seu «Blue Boy», um porco de «raça», como elle costumava dizer. Entrementes, Melissa, a sua dedicada esposa, se especializava por sua vez em aprimorar as suas conservas com as quaes iria concorrer ao famoso certamen estadual. E desta maneira ia decorrendo a vida pacata daquella familia. Entretanto, Margy e Wayne, os dois filhos do casal, soffriam as tristezas daquelle meio calmo. Alimentavam os jovens a esperança de que, na realização da feira, pudessem encontrar algo de novo e sensacional para as suas mocidades. Chegado, emfim, o grande dia, eis que a familia Frake arma a sua barraca onde as discussões de Abel e Melissa eram constantes quanto ao exito de suas exposições. Logo no primeiro dia da feira, Margy vem a conhecer o jornalista Pat Gilbert, de quem, na sua inexperiencia, logo se apaixona; nesse mesmo dia Wayne trava conhecimento com Emily Joyce, linda artista do circo, e ambos acham finalmente na «feira» o encanto que havia tanto almejavam. Assim se passaram alguns dias, até o julgamento procedido das exposições. Depois de muita ansiedade e «torcida» a nossa amiga Melissa vê premiada as suas conservas e os seus appetitosos môlhos, e o nosso heroico Abel, depois de uma discussão tremenda, assiste á victoria do seu «Blue Boy». Estava assim a «Feira de Amostras» no seu ultimo dia de successo. As despedidas de Emily e Wayne são feitas de lagrimas e saudades, porque talvez não mais se vissem. E Margy tambem vê desfazer-se o seu primeiro e sincero sonho de amor. Regressam. Os dois velhos, contentes, porque tinham encontrado, naquella feira, o passo decisivo para a realização dos seus ideaes, mas os jovens soffreram muito porque alli apenas encontraram uma ventura passageira. Desde a volta que Margy não mais tivera um simples sorriso, para a vida. Afflictos, os seus procuravam dissuadil-a daquella tristeza. Um dia, porém, essa tristeza desanuviou-se com um telephonema de Pat. Elle tambem confessava que não podia viver sem ella. Agora, unidos, radiantes de alegria, juram um amôr eterno, repleto de felicidades, e realizam finalmente uma ventura que um dia fôra achada no borborinho de uma feira de amostras, que para elles nada mais era do que uma verdadeira e adoravel feira da vida, onde cada um tem e vive esplendidamente o seu romance, uns cheio de venturas e sorrisos e outros com a sua desventura numa derrocada de sonhos que se desfazem...

ONDAS SONORAS

(The Big Broadcasting)

DA PARAMOUNT

O mundo anda louco pelas melodias radiophonicas de Bing Hornsby, e elle anda doido por Mona Lowe, uma actriz que o enfeitiça, a ponto tal que muitas vezes se deixa ficar enrodilhado em seus braços, e perde, como nesse dia, a hora da irradiação.

E tudo está em polvorosa: desespera-se Burns, o proprietario da estação, Annita, a secretaria, e Clappadale, o organizador do programma. Annita deu o fóra no seu galã do Texas e disparou para Nova-York, justamente para poder estar junto de Bing, que sempre lhe erra o nome e jamais se lembra de lhe haver sido apresentado. Bing, porém, fia-se demais na sorte, e, uma noite, de nada lhe vale o taxi que elle manda chispar para a estação. A' porta, apupam-n'o as mulheres cujos beijos foram sempre a causa do seu atrazo, e o director, summariamente, mandao tratar da vida em outra parte.

Annita sympathiza com Bing na sua triste situação de agora, mas nem assim consegue que elle a reconheça. O cantor desempregado vae, então, a um "speakeasy", onde encontra um desalentado forasteiro, e, lembrando-se da felicidade que lhe dá o amor de Mona, procura consolar o desconhecido. Este é nada menos que Leslie Mac Whinney, o candidato que Annita desprezou, agora duplamente abatido, pois buscou consolação junto de uma viuva que lhe abafou alguns milhares de dollars ganhos em negocios de petroleo. Bing faz praça, em contraste, da fidelidade de Mona, mas logo a seguir pega num jornal e lê a noticia de que ella desposou um opulento banqueiro.

Os dois camaradas, verificando não haver bebida que chegue para afogar-lhes a tristeza, resolvem matar-se pela inhalação do gaz carbonico. Com esse intuito, dirigem-se ao ninho de amor que Bing montou para Mona, afim de alli exhalarem o ultimo suspiro.

A tentativa está começando a ser bem succedida quando chega Annita e annuncia a Bing que o director da estação reconsiderou a sua deliberação, podendo, portanto, Bing voltar a trabalhar. Annita põe os dois rapazes, meio atordoados, na cama, e fica a velál-os durante a noite. No dia seguinte, pequena não é a surpreza de Leslie quando encontra no banheiro de Bing a sua malfadada conquista do Texas!...

Mas novos desastres a sorte tem em reserva para Bing. Está ondulando ao microphone as mais tocantes melodias do seu repertoria quando entram os credores e, logicamente, começam a sahir os moveis. Leslie salva a situação comprando a estação fallida e os seus amigos quasi desmaiam de surpreza quando sabem que, além dos muitos dollars que lhe abafou a viuva, elle ainda possue intactos alguns milhões de outros dollars iguaes. Empenhado em fazer por Annita e Bing tudo quanto puder, Leslie planeja a maior irradiação que jamais se fez, com um programma crivado de estrellas, em que o seu camarada apparecerá como primeira figura.

Começa a irradiação famosa, e lá estão de facto todas as estrellas do "Broadcasting", Kate Smith, os irmãos Mills, Cab Calloway, as irmãs Boswell, Arthur Tracy, Vicente Lopez e tantos outros. Só falta Bing! E o motivo é de peso: elle está novamente enovelado nos braços de Mona, que annulou o seu casamento com

(Conclúe na pag. seguinte)

da vida, enche o scenario, desprezando o drama bellico. Por isso mesmo, representa obra de arte filmesca destinada a emocionar, sem nenhum objectivo de pró ou contra a guerra. E' no desencadeamento da acção dum grande e dominador realismo, sem deixar de se nos mostrar ambientado numa intensa expressão de arte e de belleza moral. As figuras, de que nos dá o drama amoroso, são verdadeiramente des te mundo, despidas de "ficelles", de convencionalismos, de artificiaes encadeamentos romanticos. Dominadas pela paixão intensa, que lhes toma todo o ser, praticam actos que a hypocrisia humana reputa deselegancias moraes. Mas como são fortes, dominadores, admiraveis no desprezo dessas convenções?

A interpretação da brilhante pellicula da Paramount é perfeita, no que diz respeito ás primeiras figuras. O trabalho de laboratorio traz a marca Paramount, tanto basta dizer. E', emfim, um film destinado a grande successo, se não lhe tivesse posto embaraços uma representação diplomatica estrangeira que entendeu de encontrar na pellicula, a nosso vêr injustamente, passagens offensivas da dignidade do seu paiz. Confessamos que não sentimos isso.

ONDAS SONORAS (Conclusão)

DA PARAMOUNT

o banqueiro, annexou metade do que elle tinha, e agora é de Bing, só de Bing, para toda a vida!

Afflicto, Leslie procura descobrir o paradeiro da sua estrella e, quando não o consegue, tenta substituil-a ao microphone. A sua voz esganiçada é ouvida por Bing, que logo se arranca dos braços de Mona, corre ao studio em disparada, e canta elle proprio o resto do programma do amigo. De improviso, elle faz uma melodia em que exalta a Annita o amor que lhe tem Leslie, e a Mona, o amor que elle proprio lhe consagra. Annita, ante essa revellação, lança os braços famintos ao pescoço de Leslie, e o "speaker" dá por encerrado o programma do dia, que foi um hymno de amor para todos os namorados.

"ADEUS A'S ARMAS"

DA PARAMOUNT

A guerra é o ventre fecundo donde os enscenadores têm arrancado producções sem fim umas exalçando o heroismo contradictorio das raças em luta, outras mostrando as miserias moraes e physicas a que a grande catastrophe fez descer os homens, todos procurando levar ao publico um ensinamento de moral social, através uma série de episodios abafando a acção.

Este film da Paramount é tambem da guerra, mas nelle a acção amorosa, o sentimento humano

YORCK - PRODUCÇÃO UFA

Direcção de Gustav Ucicky — com RUDOLF FORSTER, WERNER KRAUSS e GRETE MOSHEIM

RETORNEMOS, por momentos, ao anno de 1812, em que a Europa atravessava uma phase agitada de guerras sob a influencia da aguia napoleonica. Yorck, o velho general, vem de entregar ao conde Hardenberg, o seu pedido de demissão. Ha os que acreditam ser tal gesto resultado apenas do estado de saúde de Yorck a quem os médicos haviam recommendado o maior repouso possivel. Affirmam outros, no emtanto — e ao que parece com maior dóse de lógica — ser esse pedido de demissão um intelligente protesto de Yorck ás tendencias da Prussia em se alliar á França para combater a Russia.

Encontramo-nos num club de officiaes. Um joven tenente lê para os que o rodêam a proclamação de Frederico Guilherme III, publicada no «Diario Official» daquelle dia. Alli está claramente exposta a idéa do monarcha em se unir militarmente á França. Accrescenta mesmo uma outra noticia ter sido posto á disposição de Bonaparte, para invadir a Russia, um corpo auxiliar prussiano. Os officiaes discutem apaixonadamente o assumpto. O general Grawert, que acaba de penetrar no Casino, vem confirmar tudo quanto até alli se murmurava. Era elle quem ia commandar aquelle corpo auxiliar que devia servir ao lado dos exercitos francezes. Nesse momento, Clausewitz, o que mais exaltado se mostrava, exclama, sem poder conter a cólera que lhe desfigurava o semblante:

— Não com Napoleão, mas contra Napoleão! Somente ao lado da Russia deve combater um official prussiano!

E vae para retirar-se desabridamente, quando esbarra com Yorck, que acabava de chegar ao Casino. O velho general, com a sua máscara serena o encara fixamente. Ouvira o que dissera o impetuoso official. E diz-lhe apenas, sem deixar de fixál-o bem nos olhos:

— Eu não comprehendo a traição nem mesmo quando a inspira um motivo nobre! O único gesto que cabe a quem não quer servir ao lado de Napoleão é abandonar o exercito prussiano!

Em Mitenwalde, numa casa discreta, perdida em meio ás neves do inverno rigoroso, Yorck goza, após longo tempo de vida incerta pelos acampamentos militares, a paz domestica. Ouvindo o alegre palrar dos seus filhos Henrique e Luiz e acompanhando com os olhos enternecidos o idyllio que começava a se esboçar, timidamente, entre sua filha Barbara e o sympathico Ruediger, procura afastar do espirito as recordações das últimas campanhas. Mas, a interromper-lhe o repouso, vem bater-lhe um dia á porta seu ajudante Seidlitz. Traz uma ordem de Frederico Guilherme III para que Yorck fosse ter a Berlim sem demora. E mais uma vez Yorck se inclina deante do dever.

Em Berlim, Yorck e o imperador se defrontam na camara de audiencias. Trava-se um dialogo forte entre esses dois homens de caracteres e posições differentes. Aquella alliança com a França, argumenta o general, nenhuma vantagem promettia trazer ao paiz já tão sacrificado por longos annos de guerra. Frederico, cujo temperamento irresoluto, onde predominava um mysticismo quasi mórbido que o encerrava no mundo irreal dos [illegible], sente que o dominam, pouco a pouco, os olhos enérgicos e attitude franca do velho general... Para não enfraquecer, sobrepõe ao tom cordial de momentos antes a sua voz autoritaria de imperador. Não admitte que se lhe censure aquella alliança com a França. Mandára chamar Yorck não para pedir-lhe conselhos, mas para nomeál-o commandante do corpo auxiliar prussiano que deve combater ao lado dos francezes. E Yorck, sopitando no intimo o seu pesar, obedece-lhe á ordem.

Segundo as instrucções recebidas, deve apresentar-se ao commandante em chefe das tropas francezas, general Mac-Donald, agora tornado seu superior, e pôr-se á sua disposição. Chega, enlameado pelo longo trajecto percorrido a cavallo, em companhia do seu fiel Ruediger, ao palacio onde se encontra Mac-Donald. Alli tem a surpreza de encontrar os salões repletos de convidados. O commandante francez, antes de se encaminhar para a Russia, resolvera offerecer uma festa, em que a entrada triumphal de Napoleão, em Moscou, fosse antecipadamente consagrada.

(Continúa na pagina 50)

A civilização é violencia

De JOÃO ESTEVES

E' de dor, de lagrimas, de sof frimento, a obra da civili zação, e de cada conquista humana explode, n'um grito de angústia, o felino que reside no fundo dos nossos instinctos, se delata através da continuencia cultural, na postura do salto para a presa. A infancia do mundo, o dia do troglodita é a tortura incomparavel do homem compondo o seu ambiente, isto é, procurando subordinar a natureza á contingencia das suas inadiaveis necessidades.

Pastor, agricultor, industrial, em qualquer d'essas etapas em que se divide a historia da sua civilização, as hostilidades entre elle e a natureza assumem tragicos aspectos de mandibulas escancaradas.

O *modus vivendi* entre a força intelligente, que é o homem, e as energias cegas da natureza, é a incommensuravel victoria do átomo contra o cosmos. O estomago e o coração gritando, entretanto na sua fome de carne e amor, perdem os seus prazeres tranquillos, o gozo quieto da alimentação e da procreação na aspera luta contra as forças que os sitiam sem clemencia.

Deus atirou o homem na face do planeta perdendo o amor á sua creatura, e a cupola azul do céo benigno não lhe responde nunca á prece torturada.

Da caverna onde o ser primitivo dormiu as suas noites desgraçadas até ás paragens sidereas por onde elle leva a sua ansia do infinito, n'essa curva infindavel em que peregrina o seu ideal sem limites, a piedade invisivel vae recolhendo n'um rosario de amarguras, seus gritos dolorosos, suas lagrimas incontidas, seu soffrimento sem conta, e a civilização mascára essa jornada do nosso Calvario com a apparencia de esplendente ascenção ao Capitolio.

Bravo Tartufo, Molière não morreu: a sua alma continúa na tragi-comedia d'essa progressão humana.

A victoria do átomo contra o cosmos! Sim, mas essa victoria lembra-nos o vôo nupcial da abelha, tão poeticamente descripto por Maeterlinck. E' no azul sem nuvens, immaculado, do céo profundo e silencioso, cheio de curiosidades divinas, que a abelha se casa e morre, inopinadamente, no seu mais agudo beijo de amor.

A femea fica fecundada. O cortiço augmenta.

O mel continúa servindo a outros paladares mas o fecundador, o que lutou pela existencia da colmeia, teve o seu grito de dor, a sua morte tragica n'esse singular hymeneu celebrado no azul infinito. Assim o homem, quando lhe roça a felicidade a aza invisivel nos mysterios da alma, e a alegria lhe vem boiando á tona da existencia. A desgraça o colhe nesse instantaneo gozo.

Civilização, continúa a tua tarefa mendaz, levando em teu regaço as rosas do jubilo e crivando de espinhos a estrada do afanoso viandante que te fecunda os dias ridentes!

Umi, M. Geraes.

ULTIMA CONFIDENCIA

Muita vez te maldisse, assim com o ar sombrio,
sem um momento só, ao menos, eu suppôr
que um dia se tornasse ephemêro e vazio
tudo quanto sentiu e gozou teu calor...

Pois o appêllo, que, em dor e lagrimas, florio
e eu quiz, em vão, á tua ausencia impôr,
foi a certeza, talvez, de que algum frágil fio
tramado nos ligava ainda ao mesmo amor...

Mas... só tu póssas comprehender, hoje, somente,
que os beijos que me deste, em desejo fremente,
fôram a derrocada, o fragor da illusão,

que foi gloria de amor, foi ansia passageira,
e agora se desfaz e se transfórma em poeira
de sonho que se eleva, em dor, do coração...

STENIO DE SÁ

RESIGNAÇÃO

(Para Evagrio Rodrigues)

O meu amor platónico de artista
não maldiz a fatal separação,
pois a felicidade se conquista
por muito soffrimento e provação.

Tanto mais vale a flôr quanto mais dista
do alcance acolhedor da nossa mão.
Si a distancia separa-nos da vista,
approxima-nos mais do coração.

Mas... quanto custa a ter felicidade!
Quem ama de verdade, não se esquece,
padece em desespero e soffre na ansia,

Trabalhando no manto da saudade,
com os panos de dôr que a ausencia tece
pelo tear immenso da distancia.

SEVERINO DE PAIVA

ATKINSON
PÓ DE ARROZ
ROYAL BRIAR
De qualidade extra fino
É usado por todas as senhoras elegantes
É conhecido no mundo inteiro ha mais de 100 annos.
CAIXA 6$000
ATKINSON
LONDRES · PARIS · BUENOS AIRES · RIO
A VENDA EM TODO O BRASIL
ROYAL BRIAR
ATKINSON

Escriptores e livros

Paulo Setubal — O OURO DE CUIABA' — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 6$

PAULO SETUBAL, explorando a novella historica, revelou-se desde logo um dos nossos mais interessantes escriptores. Buscando no passado os motivos para a sua obra literaria, apoiando-se em solida cultura, conquistou as graças do publico. Por isso, a sua fama transpôz as fronteiras de São Paulo, tornando-se um dos mais expressivos valores das letras nacionaes.

O livro que acabamos de lêr tem o cunho accentuado da chronica das bandeiras paulistas, que desvendaram aos olhos deslumbrados da Metropole as riquezas de Matto Grosso. E' um hymno á bravura dos filhos de São Paulo, desbravando o sertão em busca do ouro, erguendo os marcos primeiros da nossa civilização.

Bandeirantes de todos os tempos, os paulistas ainda hoje são o orgulho do Brasil, e por isso é com profunda emoção que percorremos as paginas deste livro que Paulo Setubal escreveu de animo erguido, traduzindo o seu enthusiasmo pela sua terra e pela sua gente.

Os brasileiros que desconhecem São Paulo devem lêr estas paginas de Paulo Setubal, onde se espelham a virilidade de uma raça que outra coisa não tem feito senão contribuir para a grandeza da nossa Patria.

Pedro Calmon — O REI CAVALLEIRO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

A razão da obra está justificada pelo proprio autor: "Este livro não é um romance de D. Pedro I, nem a sua biographia, como hoje os entendemos, biographia e romance. E' a narrativa da sua vida breve e bizarra com os contrastes, o drama, a comedia, a tragedia, a epopéa, vistos por um novellista. A documentação não perturbou a simplicidade dos quadros, e a technica procurou conservar-lhes a emoção, inherente á realidade, que as paginas serenas da Historia raramente dão: este livro é a expressão veridica de um grande éxito humano. O personagem é um imperador. Esse imperador foi do Brasil e de Portugal. Tão graves obstaculos ao romance em nada diminuem a gloria do rei, que aos reis sobrelevou no mysticismo liberal, razão da grande aventura que viveu. Quando a liberdade dos povos era a idéa, a Constituição era a promessa, o absolutismo era a força. D. Pedro consagrou, contra o absolutismo, pela liberdade, uma das actividades mais vertiginosas, uma das vontades mais irresistiveis, uma das vocações mais decisivas dos tempos modernos. A existencia transcorreu-lhe como um sonho batalhante e a morte lhe surprehendeu na testa o suor do ultimo combate: pertence á progenie dos cavalleiros; chronologicamente foi o derradeiro delles.

"Apenas a sua dama era a Carta, e á sombra da sua espada se agitaram, seguindo o rei-paladino, as gerações que nasceram livres."

Depois de outras considerações, o autor conclúe: "Nenhum soberano foi mais injuriado, nenhum mais glorificado do que elle, para uns incomprehensivel bohemio, para outros o genio das armas. No Brasil, principalmente, donde sahiu de fronte alta, deixando-lhe os filhos e a unidade nacional, D. Pedro I era popularmente o rei incoherente, anecdotico e malicioso, deformado pela caricatura politica, esquecido afinal em homenagem ao segundo Pedro, que foi um justo imperador sábio, pacifico e educador. Em Portugal, era o heroico Pedro IV, do cerco do Porto, do desembarque de Mindello, da defesa de Lisbôa, das lutas liberaes, quando 7.500 soldados desbarataram todo o exercito e as velhas tradições nacionaes. Entre esse lendario rei da Europa e aquelle infeliz imperador americano — uma imitação de Bonaparte e um reflexo de Iturbide! — ha simplesmente o homem. Foi o homem que procuramos explicar."

Conhecido o ponto de vista do autor, resta-nos dizer do valor do livro. Pedro Calmon, embora sendo moço, é um nome que honra as letras nacionaes. Não mais carece da apresentação da critica. Tem publico, tem talento, dispõe de uma admiravel cultura e solido conhecimento historico.

A obra que acabamos de lêr constitúe um magnifico successo para o escriptor.

A. G. Lima — GEOGRAFIA SECUNDARIA — Liv. Globo — Porto Alegre — 5$

TRATA-SE de magnifico trabalho, organizado de accôrdo com o programma do 2.° anno do curso secundário. O professor Guerreiro Lima expõe com clareza e simplicidade as suas licções, muito facilitando o estudo dos alumnos.

NÓS E A DICTADURA — S. Paulo 1933 — 5$

TRATA-SE de um livro que reúne o depoimento de alguns militares que se bateram ao lado de São Paulo, no ultimo movimento revolucionário. Interessa pela diversidade dos assumptos explorados e pelos nomes que firmam os escriptos: Bertholdo Klinger, Euclydes Figueiredo, Othelo Franco, José Lobo e Argemiro de Assis Brasil.

A CARTEIRA DE SEGREDOS

CLARA. — Si estou dizendo-te que não deve tardar. Espera um momento.

Henriqueta. — Um momento... Não te queixarás. Eram trez horas quando cheguei...

Clara. — Depois de dois annos e de tantas coisas!... Ainda não estamos em paz... Deves me muitas visitas mais demoradas que esta e muitas confidencias... Hoje fiz a despesa.

Henriqueta. — Era natural que a fizesses. Hoje és mais rica do que eu... Rica de illusões, de esperanças, de amor... Eu estou arruinada...

Clara. — A morte é um credor que não perdôa. Mas ficaste viuva... arruinada como dizes, tão moça, que ainda pódes refazer tua fortuna.

Henriqueta. — Amedrontam-me as empresas... Viverei cingida a minha viuvez: classe passiva... (*Pausa*). Sabes que esse cavalheiro está demorando muito e eu não poderei esperal-o?...

Clara. — Com effeito, está demorando. Onde estará elle?

Henriqueta. — Onde estará?

Clara. — Por que repetes minha pergunta assim..., como que preoccupada, como si te houvesse dado em que pensar?

Henriqueta. — Porque era uma pergunta..., e nunca a gente deve perguntar: "Onde estará?" Si soubesses as vezes que eu perguntei a mesma coisa!

Clara. — E eu. E o perguntarei ainda tantas! Como toda mulher apaixonada. Minuto a minuto quizera eu saber onde elle está, e o que faz, e o que pensa...

Henriqueta. — Em amor, como em religião, o saber está muito perto da heresia.

Clara. — Ora! Como eu não havia de saber nada máo de Carlos...

Henriqueta. — Tu o conheces a fundo?

Clara. — Seu coração não tem segredos para mim.

Henriqueta. — Seu coração! Pobre Clara! Eu tambem acreditava que o coração de Pepe era todo meu, que não tinha segredos para mim... Que loucura! Não ha coração que não tenha algum segredo... O coração? Menos ainda. Não quero assustar-te. Mas, queres fazer uma prova? Procura apoderar-te de repente da carteira de teu noivo. Vês que pequenez: a carteira de bolso... Que poucos segredos podem caber nella!... Pois, crê-me, si queres ser feliz, não procures nunca revistar a carteira do homem a quem amas...

Clara. — Eu suppunha que fôras feliz em teu casamento.

Henriqueta. — Fui-o. Poderia tel-o sido, si não quizesse saber... Porque Pepe me queria, me queria muito... quanto podia querer-me... Mas a carteira..., acredita-o todo homem tem sempre um segredo na carteira...

Clara. — Ora! Um segredo... E será tão imprudente que na carteira...?

Henriqueta. — Ah! A carteira de Pepe não era de bolso: era uma carteira-cofre, que eu encontrei depois de sua morte... E, no emtanto, elle me queria.

II

CLARA. — Henriqueta, Henriqueta de minha alma!

Henriqueta. — Que tens, creatura?

Clara. — Tudo, tudo, se acabou para mim! Bem dizias... A carteira... nem pude abril-a. A' viva força elle ma arrebatou das mãos. Consentiu em partir sem attender a minhas lagrimas nem a meus insultos..., porque o insultei, sim..., e o odeio...

Henriqueta. — Não tens razão. Eu senti o mesmo que sentes agora. Tu nem siquer viste a prova material da trahição... Mas sempre ha segredos... Faze um exame de consciencia escrupuloso, e verás como te inclinas ao perdão. Tu tambem não tens alguma carteirinha?

Clara. — Eu não tenho segredos para elle...

Henriqueta. — Em carteira..., palpaveis... e no coração? Olha: parece uma vulgaridade o que te vou dizer... Os homens são homens. As mulheres, mulheres... Que bobagem, não é verdade? Pois vem dahi o motivo de não nos entendermos. As almas têm sexo, e não ha duvida, a alma do homem e a alma da mulher são tão differentes como a terra do mar e o mar do céo. Podem beijar-se, unir-se, mas não podem confundir-se. Homens e mulheres devem respeitar e perdoar o segredo da carteira...

Clara. — Não, não. Eu não perdôo... Quel-a-o com toda minha alma. Si é verdade o que dizes, a vida é muito triste. Não viverei no mundo: entrarei para um convento...

Henriqueta. — Has de pensar depois. E si tu, que não queres perdoar a teu noivo, te consagras a Deus..., imagina a carteira de segredos que Deus terá que te perdoar para ser teu esposo!...

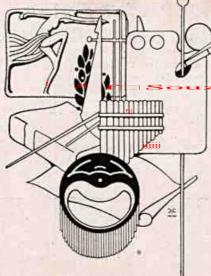
JACINTO BENAVENTE

Notas de ARTE

BRAILOWSKY. — Raros festins de arte os dois ultimos recitaes do genial pianista russo, Alexandre Brailowsky, realizados no Theatro Municipal, nas tardes de 1o e 3 de junho. Com excepcional primor foram executados estes programmas além de varios *extra*, entre os quaes *Capricho* de Scarlatti e *Campanella* de Paganini-Liszt: I) RECITAL CHOPIN: *Sonata em si-menor*, op. 58; *Fantasia-Impromptu*; *Ballada em lá-bemol*; *Valsa em si-bemol*; *Scherzo em si-bemol*; *Barcarola*, *Escoceza em ré-maior*; *Escoceza em ré-bemol*; *Nocturno em fá-sustenido*; *Grande Poloneza em lá-bemol*, op. 53; — II) BACH-BUSONI — *Toccata e Fuga em ré-menor*; BEETHOVEN — *Sonata*, op. 57 (*Apassionata*); — CHOPIN — *Ballada em fá-menor*, op. 51, *Nocturno em mi-bemol* n. 2, *Tarantella*, *Valsa em lá-menor* e *Valsa em lá-bemol*; DEBUSSY — *Reflets dans l'eau*; LIAPUNOFF-LESGHINKA (dansa do Caucaso); SCRIABINE — *Poema em fá-sustenido*; LISZT — *Rhapsodia Hungara* n. 6.

Não é metaphora exaggerada classificar de estupendo o Recital Chopin e de maravilhosas as interpretações da *Fantasia*, da *Ballada*, do *Scherzo*, do *Nocturno* e da *Escoceza em ré-maior*. A *Fantasia* deu a impressão absoluta de que era canto e não piano a musica ouvida. E o canto parecia vir antes dos dedos do pianista que das teclas do piano. A *Ballada* foi interpretada com tanta verdade que se assistia a todo o drama do poema de Mieckiewicz musicalizado por Chopin. O marulhar das aguas no momento em que o lago afoga o perfido amoroso, as queixas da noiva trahida, toda a belleza lyrico-tragica da lenda lithuana do lago Switez resurge viva e empolgante na creação chopiniana atravéz das mãos canoras, da sensibilidade intensamente communicativa de Brailowsky.

No recital eclético avultam principaes, as interpretações da *Sonata Apassionata*, e nesta o *Andante* e o *Presto*, em que se accentuaram tanto o doce lyrismo do primeiro e a grandeza épica do segundo; do *Nocturno em mi-bemol*, feito de angustia e de saudade; da *Valsa em lá menor*, poema de melancolica belleza; e da *Rhapsodia* de Liszt e do *Caprinho* de Scarlatti, cujas execuções foram de belleza sem par: parece impossivel interpretal-as melhor: Brailowsky excedeu-se a si mesmo.

Embora sem produzirem o mesmo grão de emoção excepcional, agradaram e enthusiasmaram tambem as obras impressionistas e modernistas: *Reflets d'eau*, de Debussy, e *Lesghinka*, de Liapunoff, e *Dansa do Fogo*, de Falla — esta ltima tocada em *extra*, com menos brilho, com menos bravura, mas talvez com mais perfeição do que Rubinstein.

Como sempre, o auditorio em peso, das poltronas ás galerias vibrou de incontido enthusiasmo, e palmas e bravos, intensos e numerosos, não cessavam de ovacionar o extraordinario artista.

Os recitaes do grande mestre do teclado são cantos de um só poema: a Arte Pianistica de Brailowsky...

COMPANHIA DRAMATICA BRASILEIRA JAYME COSTA. — O mais homogeneo espectaculo da C. D. B. J. C. teve lugar em a noite de sabbado, 3 de junho. Em 4ª recita de assignatura, foi levada á scena do Municipal a peça de Armando Gonzaga — *A Patrôa* — com esta distribuição: *Eleutherio* — Barbosa Junior; *Emilio* — Aurelio Corrêa; *Christina* — Arlette de Souza; *Carlos* — Mario Salaberry; *Romualdo* — Jayme Costa; *Bento* — Ferreira Maya; *Clara* — Lygia Sarmento; *Marianna* — Olga Navarro; *Castrinho* — Armando Rosas; *Cardozo* — Alvaro de Souza; *Rosalina* — Lenita de Souza.

Com a morte do socio principal fica a firma commercial Penna & Fialho sob a responsabilidade da sua viuva, Clara Fialho, em excursão pelos Estados Unidos, e do outro socio, Bento, que, com o irmão Eleutherio, como gerente, e os empregados, Romualdo, filho de bento, e Christina e Carlos, toma só a direcção da casa. Os negocios vão mal. A vida de dissipação de Romualdo que nada faz e gasta muito, é um dos factores do máo estado da firma. E' nesse momento que volta inopinadamente a patrôa, Mme. Fialho, e assume a gestão dos negocios. Acompanha-a a tia Marianna typo de brasileira estadunidizada, de brasileira *yankee*. Tudo para ella são os Estados Unidos: palavras, modos, traje. Chega a usar escandalosamente o vestuario masculino... Moça, bella e rica, vê-se Clara assediada por varios pretendentes, entre os quaes dois lhe querem desposar: o commendador Cardozo, velho e abastado, e Carlos, joven ricaço, ambos ridiculamente apaixonados pelo ouro e pelos encantos da viuva. Mme. Fialho repelle a ambos. E entrega-se a trabalho exhaustivo no escriptorio procurando corrigir os erros, resarcir os prejuizos, causados á firma pela gestão anterior. Emquanto isso, lhe vae nascendo subtil e penetrante apego pelo mancebo estouvado, estroina, donjuanesco, que mais contribuiu para a quasi fallencia da sociedade, o filho do seu socio, Romualdo. Occulta-o e sentimentis oppostos é o que ostensivamente revela. Romualdo, por sua vez a principio nada percebe. E continua a vida de peralta modernista, cada vez mais perito no linguajar de girias, e na seducção e conquista das mulheres. Uma nova conquista accelera o desfecho da intriga. Mme. Ferreira, Rosalina, grande apologista do divorcio e que vive separada do marido, trata de fundar uma associação pro-divorcio e vem pedir a Clara, sua amiga, lhe auxiliar o emprehendimento. Sem obter-lhe o concurso pessoal, consegue o do empregado do escriptorio para servir de secretario. Por indicação de Bento, esse empregado é Romualdo, que aproveita o ensejo para novos amores. Desde a indicação de Bento até o instante em que Marianna lhe mostra a photographia dos dois, Romualdo e Rosalina, abraçados num cinema, Clara não póde conter o despeito, suffocar o ciume que afinal explo-

de com a resolução repentina de dissolver a firma commercial e partir de novo para os Estados Unidos, allegando ser a conducta de Romualdo, como empregado, a causa dessa resolução. Mas muda immediatamente de pensar quando recebendo a visita de Rosalina, sabe que esta vae deixar o Brasil e viver no Uruguay. Livre da rival pensa que conquistará emfim a Romualdo. Entretanto volta á resolução anterior momentos depois, quando Romualdo vem communicar-lhe ter deixado a casa commercial onde a patrôa lhe era tão hostil e despedir-se por deixar tambem o Brasil, ir para o Uruguay. Assim Rosalina e Romualdo são ou vão ser amantes, vão viver juntos no paiz vizinho. Novo e maior accesso de ciume, e agora sem reservas na presença de Romualdo que acaba rendido cobrindo de beijos a apaixonada Clara. Com escandalo de todos, a patrôa apresenta á tia yankee, aos socios e aos empregados o novo patrão — Romualdo.

Pelo resumo, vê-se que se trata de uma comedia como há muitas; nada tem de extraordinaria como forma e como fundo, mas nem por isso deixa de ser uma peça digna de ser vista e applaudida. Toda ella se desenvolve naturalmente como a vida que idealiza. Só nos pareceu que devera ser mais preparado o desfecho da intriga. A precipitação final deu á peça mais a forma de farça que de comedia. Mas isso que talvez seja mais defeito da nessa visão que do trabalho do A., em nada tira o valor da obra. São palpitantes de verdade todos os typos. Entre estes é de assignalar-se uma bella caricatura — a brasileira yankee.

Todos os interpretes mantiveram linha quasi impeccavel em toda a expressão plastica das scenas. Notou-se apenas em alguns uma ou outra falha na expressão verbal. Mas essa mesmo não existiu para a primorosa creação de Lygia Sarmento, que viveu Clara, como si fosse a propria heroina da peça; e para o outro primor da noite, que foi o trabalho de Barbosa Junior, na caracterização de Eleutherio. Em planos semelhantes, avultam Olga Navarro, que encarnou com muita graça e muita verdade, que viveu intensamente a figura caricatural de Marianna, a brasileira «yankeeizada»; e Jayme Costa, que deu esplendor realce ao typo de Romualdo. Emfim, para ser, perfeitamente verdadeiro, quasi pode dizer-se que a jerarchia das interpretações provém mais da importancia dos papeis que do valor dos interpretes. Cada um satisfez plenamente as exigencias scenicas de papel que representava.

Está mais uma vez de parabens a Comedia Brasileira. O publico soube gratificar os artistas com justos e repetidos applausos.

O 5º SALÃO DE ARTISTAS BRASILEIROS. — No *hall* do Palace Hotel visitamos o 5º salão de Artistas Brasileiros onde figuravam 76 trabalhos de pintura e 8 de esculptura, sendo dos de pintura — 4 de Alex. d'Alm. Anastacio; 3 de Ant. de Mesqta. Bomfim; 4 de Candido Portinari; 2 de Carlos Oswald; 4 de Celso Kelly; 3 de Dimitri Ismailovitch; 3 de Georgina de Albuquerque, 2 de Gilberto Trompowsky; 2 de Gustavo Rheigantz; 1 de Henrique Cavalleiro; 3 de Hernani de Irajá; 2 de José Caldas; 4 de Jé. Berndo. Cardozo Jor.; 4 de Lucilio de Albuquerque; 4 de Luci Poli Erdos; 4 de Manoel Faria; 2 do Mel. Bass Domenich; 2 de Maria Francellina B. B. Falcão; 2 de Octavio Pinto; 4 de Oswaldo Teixeira; 2 de Palmyra Pedra Domenech; 3 de Principe Paulo Gargarin; 4 de Ruy Alves Campello; 1 de Solange de Frontin Hess; 4 de Themistocles J. Villaça; 4 de Vicente Leite: — dos de esculptura — 2 de Humberto Cozzo; 4 de Nicolina Vaz de Assis; 2 de Rosalita Candido Mendes.

Em duas rapidas visitas, a impressão de conjuncto é a do bom exito do esforçado labor dos artistas; todos procurando produzir e produzir bem. E das 7 duzias de producções muitas nos impressionaram melhor do que outras e, entre as primeiras, algumas tocaram mais especialmente a nossa sensibilidade.

Ao 1º grupo pertencem *Cana Velha*, de Alex. Anastacio; n. 12, de C. Oswald; *Retrato do Embaixador Alfonso Reys*, de Ismailovitch; *Retrato de senhora*, de G. d'Albuquerque; *Natureza Morta* (n. 25), de G. Trompowsky; *Stella Maris*, e *Trecho da Estrada Bananeira*, de Cardozo Junior; *O Grande Circo* de L. de Albuquerque; *A Fonte de Mason* e *Retrato de D. Anna Amelia Q. C. Mendonça*, de Lusi Poli; *Pescaria ao luar*, de M. Domenech; *Cabeça*, de Maria Francellina; *Vaso Verde*, *Vaso Azul* e *Natureza Morta*, de O. Teixeira; *Fructas*, de P. Domenech; *Paysagem* (n. 63), de P. Gargarin; *Retrato*, de Ruy Campello; *Paysagem Amazonica*, de Th. Villaça; *Bebé* (gêsso), de N. de Assis.

No 2º, enumeramos: *Natureza Morta* (n. 2), de Ismailovitch; *Salomé* e *Nú*, de Hernani de Irajá; *Procurando os amigos*, de Cardozo Junior; *Rochedos*, de L. d'Albuquerque; *A graça do Movimento* e *Filú quer aprender*, de Luci Poli; *Correias*, *Barra Mansa*, *Mundeos* e *Paysagem* (ns. 46|49), de Mel. Faria; *Natureza Morta* (Côcos), de Osw. Teixeira; *Christo Morto*, bronze de Nicolina de Assis.

Insistimos em destacar a perfeição com que Ismailovitch reproduz a natureza morta. O seu quadro n. 20, intitulado genericamente *Natureza Morta*, seria, a nosso vêr, de uma perfeição absoluta, se um máo effeito de luz não transformasse a sombra de um prato em... mancha de azeite. Em compensação a projecção da imagem do calice que figura na tela, é de uma verdade integral; sente-se a impalpabilidade da sombra.

Outros primores de arte pela arte: a *Salomé* e o *Nú*, de H. de Irajá. Nenhum delles edifica, mas ambos encantam pelo poder communicativo que delles flue. E o segundo nos agradou mais do que o primeiro, porque a postura do bello corpo suggere a belleza de uma alma que scisma.

Quadro impressionante — *Rochedos*, de L. d'Albuquerque. Não se vê só a immobilidade das rochas, mas contempla-se o movimento do mar quebrando nas pedras.

Manoel Faria só expoz obras-primas ou que assim nos pareceram. Depois de se contemplar algum tempo os seus quadros ns. 47 e 49, tem-se a illusão de estar transportado ao meio daquella verdura, á margem do regato que serpeia, de figurar na propria paysagem que o artista pintára.

Outra magnifica producção, pela illusão que dá da propria realidade, é *Côcos*, de Oswaldo Teixeira. Tem-se vontade de apanhar os fructos cahidos do cesto.

Afinal, *A Graça do Movimento*, de Luci Poli. E' uma figura dynamica na immobilidade da tela. Fixando-se bem, vê-se que se move que é viva e dansa...

Impressionista, puramente impressionista nossa chronica plastica não critica, registra. Si commenta é apenas com a logica do coração. Diz o que sente embora não saiba dizer o porque da emoção.

E' com esse criterio que escrevemos esta e todas as notas de arte que se não referem á poesia propriamente dita, á arte da palavra. Por isso mesmo não constitem *juizos de critico*, mas apenas *opinião de chronista*.

Oscar d'Alva

YORCK - (CONCLUSÃO)

Yorck sente-se constrangido em tal meio. A custo supporta aquellas luzes, aquellas sêdas e as amabilidades com que o cumula o maneiroso Mac-Donald... Percebe-se-lhe, na mascara energica, o quanto o tortura intimamente aquella subserviencia a que o obriga o seu imperador, ao inimigo de hontem. E mais o revolta ainda a decisão de Mac-Donald em lhe accrescentar, ao estado-maior, o futil Marquez de Noailles. Este, Yorck, bem o percebe, outra missão não terá que a de espionar-lhe os movimentos...

Em plena Rússia, na sua barraca de campanha, Yorck examina um mappa. As instrucções que recebera de Mac-Donald são as de não poupar sacrificios para defender os flancos do exercito francez. Elle é quem deve, verdadeiramente, combater, emquanto Napoleão avança... Mas... uma duvida o persegue. Onde está Napoleão? Encontrar-se-á, realmente, a caminho de Moscou? Ou já teria chegado lá? A sua longa experiencia militar faz-lhe perceber naquelle sem numero de noticias desencontradas que, a todo momento, lhe chegam, uma mystificação qualquer. Não se sente seguro ao lado daquelle Noailles abominavel, que elle sabe receber ordens secretas de Mac-Donald. O que o amargura, porém, é o inutil sacrificio de homens do seu exercito em pról de uma causa pela qual nenhum prussiano podia sentir o menor enthusiasmo. Até que, afinal, a dolorosa verdade do fracasso da Grande Armada de Napoleão, na Rússia, lhe é posta deante dos olhos por intermedio de uma carta que Ruediger, com risco da propria vida, conseguiu subtrahir da correspondencia de Noailles. Neste documento havia a confissão completa, firmada pelo proprio Napoleão, do fracasso da campanha russa. Que fazer, nesse transe? Frederico Guilherme não envia novas ordens de Berlim. Mac-Donald exige que elle permaneça até o ultimo minuto no seu posto. Seus officiaes começam a se revoltar, por sua vez, contra aquella obediencia céga ás ordens de um general francez! Mas em Yorck prevalece acima de tudo o soldado habituado a cumprir ordens. Reconhece a inutilidade, a estupidez mesma, daquella luta. Seus soldados morrem aos milhares, por dia, enregelados de frio ou atravessados pelas balas dos russos. Afinal, Yorck não supporta mais aquella situação angustiosa. Decide-se, elle mesmo, ir a Berlim e expôr ao imperador a realidade tremenda.

Outra vez, se defrontam Frederico Guilherme III e Yorck. Frederico o recebe executando ao orgão uma musica sacra. Yorck mostra-lhe em phrases curtas, mas vehementes, o verdadeiro aspecto da campanha na Rússia. Nem assim Frederico Guilherme lhe accede aos rogos.

Então Yorck comprehende que já não era mais possivel manter-se fiel áquelle monarcha irresoluto quando um povo todo soffria! Volta ao acampamento e deante da officialidade reunida os desobriga do compromisso de obediencia que lhe haviam prestado, porque, tambem elle, Yorck, deixára de ser fiel ao seu rei. Uma exclamação de enthusiasmo, após o segundo de emoção que se seguiu a essas palavras, consagra naquelle instante supremo para os destinos da Prússia um unico nome, um nome que iria dali servir de symbolo á era nova da Allemanha restaurada: Yorck!

D E S T I N O

De F. Magalhães Martins

(Continuação do numero anterior)

A' primeira vez em que se falaram, o moço pobre, num mixto de nobreza e timidez, tremendo a medo lhe confessou a sua origem humilde. E ella, simples, modesta, despida de preconceitos e desprendida, emfim, do brilho inútil do dinheiro, ao invés de desprezál-o, enojada, amou-o fraternalmente, commovidamente, com uma grande e terna compaixão... Figura distincta do "grand-monde", filha de paes ricos, finamente educada e dotada de peregrina belleza, morando em confortavel e luxuoso *bungalow*, entre as tapeçarias velludosas, as ottomanas e almofadões, em meio á maciez voluptuosa e perfumada do mais requintado luxo, e pisando em alcatifas de tapetes, — quem diria, realmente, fôsse ella capaz de guardar no escrinio do coração tão bellas quão raras virtudes?...

Por isso, elle a chamava de "pérola candida, perdida no grande lamaçal da humanidade néscia e pretenciosa." Amou-a como um louco, com a paixão forte do rapaz-menino. Entregou-lhe o coração aberto e puro como uma camelia branca. E, porque fosse pobre e não pudesse fazer ricos presentes, dedicava-lhe versos lyricos, vasados num mysticismo á Dante; offerecia-lhe, numa oblata luminosa e pueril, todo o ouro pobre do seu cérebro ardente e arrebatado... Dir-se-ia que na escuridão de sua vida, nimbada de sombras atráz e sinistras, em que idéas macabras rodopiavam allucinadoramente, se tinha agora projectado um jacto muito forte de luz, como uma aureola bonançosa e redemptora!... E já sentia a vida, outr'ora um fardo inútil, decorrer feliz. O seu caminho, todo asperezas e cardos, se tinha transformado numa suave planicie, risonha, juncada de petalas de rosas, surgindo no fundo um horizonte muito limpido e azul, rico de paineis e tonalidades polychromaticas, e enfumado de esvoaçantes miragens, que lhe acenavam, fascinadoramente, lindas promessas e presagios auroraes de uma quadra feliz e ininterrupta na sua existencia; ás margens, gorgeiavam uyrapurús, gaturamos e graúnas, pousados em arvores magicas, de folhas de ouro; e corregos entoavam, com a orchestração maviosa dos passaros, uma musica divina, pela symphonia fresca e monotona de suas cascatas... E o moço sonhador se embriagava na ambrosia ineffavel desse encantamento que só o amôr sabe proporcionar; já experimentava uma sensação enlevante e estranha na vida... Amava!...

Mas o amôr desigual dos dois romanticos apaixonados não podia continuar sempre occulto dos paes de Nilda — assim se chamava a moça, — vivendo da cumplicidade dos criados gorgeteados, entre os dos parques ou sob o mysterio dôce dos luares mellifluamente legendários, nos ternos e furtivos colloquios das noites idyllicas. Os sonhos côr-de-rosa que empolgavam o jovem sonhador; — esse lidimo Romeu moderno que os fruia, ao rythmo do piano de sua Julietta, no vôo muito brando de uma chiméra azul — tinham que, fatalmente, se esfarrapar de encontro ás arestas do convencionalismo...

E assim foi que ella, cercada da mais estreita vigilancia e causticada pela tenaz opposição dos paes, se vira na contingencia de

(*Continua na pag. seguinte*)

DESTINO

(*Continuação*)

renunciar ao seu unico amôr, sacrificando-o e sobrepondo-o ás conveniencias sociaes. Temperamento sensivel, obediente, portanto facilmente maleavel aos imperativos da vontade paterna, era dessas para quem "o eleito do coração" — que paradoxo! — não existia, sinão consoante a indicação da familia.

Arranjaram-lhe, pois, um noivo fútil e cheiroso, amante do *flirt* e do *foot-ball*, um Juquinha qualquer, filho de familia illustre, com um nome ruidoso na chronica amorosa. Ella propria, a sua Nilda, em uma carta repassada daquelle incomprehendido sentimentalismo, daquelle amôr espiritual, daquella dedicação lamecha e inexplicavel por elle, sentidamente lhe disséra que ia casar com outro, mas que jamais o esqueceria... E que era preciso acabar... renunciar...

Entrementes, elle, naufrago da vida, que sonhára inutilmente com a felicidade impossivel da realização de uma miragem estulta que breve se dissipára, vendo sua perola immaculada afundar-se, aos poucos, no atascal parado e lodento de onde quizéra arrancál-a, perdia por outro lado aquillo que fôra o seu único thesouro, a razão de ser da sua propria vida... Victima de rebelde tuberculose advinda da vida exhaustiva que abraçára para melhor criál-o, sua mãe morrêra no desconforto dos hospitaes, em convulsões de hemoptyses, cuspindo, lento e lento, os pulmões e a propria alma, por amôr do filho unico, bom e affectivo, a quem ella quizéra dar um throno de velludo e ouro...

Findava o anno, com as festas eternas e universaes celebradas á evocação allegorica de Papá Noel. As festas de todos e para todos; velhos e moços, ricos e pobres. E elle, que, em menino, nunca conhecêra a munificencia do barbaças dadivoso da legenda, nesse fim de anno, estava mais infeliz e desgraçado que nunca — desamparado e só, ao léo da sorte adversa, carregando, talvez, no organismo débil, já o germen do mal de sua progenitora, e, nas costas, o peso insupportavel de seu infortunio engrossado de mil decepções e soffrimentos... Fim de anno... Outro anno que vinha...

Chegava depois o Carnaval. Todo o mundo se divertia, se abandonava á vertigem louca e contagiosa da folia. Somente elle, com um vazio impreenchivel dentro em si, triste e inconsolavel, não compartilhava dos folguedos de Momo, nem comprehendia como tanta gente delirava, allucinadoramente, no gozo transitorio de poucos dias, para depois soffrer o tédio interminavel de mêzes e mêzes a fio... Como ser alegre quando se sentem mil dores e afflicções?... Por isso, era preciso beber para, atordoado, entrar na onda da nevrose collectiva, poder romper, com a sua excitação nervosa, com os seus ouvidos e sentidos exaltados, com a alma toda anesthesiada, o ruido pagão, a loucura desenfreiada dos *cordões*, o tumulto festivo do pandemónio!... Embriagava-se para viver! Cognac, morphina, opio, todos os entorpecentes, a

tudo inda era pouco para encher o vácuo de sua tristeza ingénita.

E foram tantos e tantos os excessos, na terça-feira, que, completamente bebedo, cambaleára na rúa. Sim, cambaleára; tinha apenas uma lembrança muito vaga, indecisa... mas cambaleára. De certo uma pessôa (quem seria?) o trouxéra ás costas, ou... nem sabia como... O certo é que elle estava alli, sabe Deus como!...

....

E Alberto Jacques pensava... pensava...

Ainda estremunhado, sentado ao leito, a cabeça pendida, reclinada nas mãos, os cotovellos sobre os joêlhos, bocejando e pensando... E a tosse sêcca e rebelde veiu sacudir-lhe o corpo todo. Tinha acordado, assim, tarde, com um amargor travoso e quente na bôcca e na garganta, uma dôr acabrunhadora na cabeça e pelo corpo todo, em consequencia da orgia das noites anteriores, passadas em vigilias, em doida carraspana. Afinal... era quarta-feira de cinzas!...

Olhou em torno: — seu aposento, vazio, em desordem, como elle proprio... Levantou-se, displicente, com um gemido e um accesso de tosse, que lhe trouxe á bôcca um jacto de sangue. Era a visita da doença, não havia duvida, mas pouco se lhe dava. Tossia, tossia...

Deu alguns passos e mirou-se de relance ao espelho. Estava barbado, pállido, as olheiras rôxas, sombreadas. E, agora, defronte ao espelho, barbeava-se, a physionomia machucada de dôr, a tosse quente e incessante a rouquejar-lhe a garganta. Olhando-se, afiando a navalha, pensando no seu destino, estabelecia uma analogia dolorosa: que era elle sinão um misero Pierrot entregue á melancolia do seu sonho inattingivel, e desfeito? Sim, um Pierrot, sem, porém, a fantasia lyrica do bohêmio romantico, sem a cara branca, esfarinhada, sem a gola de tule amarfanhada, sem os negros pompons e sem o gôrro classico... mas um Pierrot triste como o de Willette, como todos os Pierrots, cuja Colombina, no carnaval real desta vida illusoria, lhe fôra arrebatada pelo Arlequim rico, um Juquinha qualquer... Tossia, e afiava a navalha...

Em seguida, trocava de roupa, talvez para sahir, vestindo-se machinalmente; e, tomando o paletó prêto, pondo o chapéo desabado á cabeça, agora se empoava em frente ao espelho, no qual se reflectia o rosto chlorótico e livido, afogado no luto que o cobria... Mas, outro accesso de tosse accommetteu-o fortemente... e outra golfada de sangue jorrou-lhe da bôcca... Sentou-se..., afiando sempre, ininterruptamente, a navalha... Era a força do habito! Ou era, já, a idéa sinistra que fuzilava á mente enfebrecida, accendendo clarões de uma volupia morbida e resignada nos olhos.

E... subito, Alberto Jacques, sem um rictus na face pállida, sem um gesto covarde que denunciasse seu desespero, sua renuncia á vida, golpeou violentamente a garganta, apartando a carótida, donde começou a brotar o sangue em cifões rubros e impetuosos, até cahir, inanimado, mole, o corpo delle no chão ensanguentado...

A historia que vovó me contou

(Ao espirito luminoso da poetisa IDA UCHÔA)

(Yára, miuda encantadora filhinha, — quando em ti pulsar o coração de anjo e de menina, e, nelle, fremir a alma immortal da Arte e da Belleza, — lê este conto que eu escrevi pensando na mais linda das mulheres).

EU era ainda bem creança quando, certa vez, á borda da minha cama, vovó me contou:

— Foi no começo da Creação, á noite do setimo dia, logo depois que o Senhor concluiu a sua obra Universal. Ah! meu filho, não é possivel que a imaginação divina pudesse conceber um anjo mais perfeito, nem mulher mais linda que a encantadora Ady, — essencia de todas as essencias, sól de todos os sóes, — falou-me vovó, num timbre santo de carinho, tentando, emotiva, despertar a sensibilidade do meu pensamento que dormia.

"Dentro do Céu, — continuou ella, arfando, — a vida dos anjos lá, naturalmente, na sua graça eterna de candura e de innocencia, solta, admiravel, sem sombras nem preoccupações. Mas, desde o momento em que Ady surgiu, — alma viva do Sol, — houve uma transformação completa. O archanjo Gabriel, o defensor da ordem e da candura celestiaes e o mais sensivel de todos, assim, que a viu, num arrebatamento de amôr luminoso, falou, confuso e commovido:

" — Senhor! Ady é perfeita demais para viver no Céu... Em sua voz de deusa e de mulher eu sinto que fremem todas as symphonias magicas da Natureza, emquanto no resplendor incandescente do seu olhar eu vejo que phosphorecem e se accendem, cheias de ciumes, todas as estrellas. Misericordia, Senhor! Misericordia para os archanjos!

"E Deus, no deslumbramento de sua obra divina, tomado de graça, volveu piedoso:

" — Ell'a deante de ti!... E' tua a deusa!... Deusa de Luz, de Belleza e de Amôr!... Que mais deves querer?... O seu olhar é tão puro como o aroma das rosas... Foi feito de proposito para clarear os mares tempestuosos da vida e é muito mais terno e muito mais penetrante que o olhar medroso das estrellas... Fala todas as linguas... Olha-a!... Farta-te na chamma immortal da Arte que a sua expressão contém vontade de dormir... de sonhar... Com ella começa a vida e com ella nascem todos os prazeres... Toda a Belleza dos mundos se annulla deante della... Tens mêdo que Ady revolte o Céu?... Que me importa a mim que por ella os anjos pequem, e que o mundo perdendo o seu equilibrio se desborde e desabe si a propria Natureza para mim é ella?!... Já é tempo de terminar com a tristeza do Céu... Vem, oh! archanjo... Olhe mol-a de perto... Não vês que o seu olhar me transporta?... Deixa-me!... Eu quero dormir... Sonhar, talvez!...

"E ficou-se tomado de extase luminoso, deante della, a olhál-a santamente, preso á magnificencia de suas fórmas, até que os anjos falaram:

" — Senhor! Ady é bella de mais para viver entre os anjos... Quando ella olha, notamos que no throno de Deus ha uma transparencia radiante, fluidica, tocante, que vem polarizando de doçura e de perfume todo o ambiente que res-

piramos... E quando ella fala, no transporte sensitivo de suas emoções, nos sentimos que por sua bôcca falam todos os deuses a linguagem das harmonias veludósas... E... no riso de Ady, que attracção estonteante, Senhor!... Ha uma força estranha que nos povôa a cabeça de vertigens... Misericórdia, oh! Deus!... Misericordia para a fraqueza dos anjos!...

"E o Senhor, na infinita grandeza de sua attenção, nem ouviu o Espirito Santo, que tambem falou:

" — E' bella demais! Do crespo mar de ouro de seus cabellos vôam scintillações magnéticas de luares tropicaes. O Céu, ante o seu corpo de leite e neve, é uma mancha que se destaca no infinito... Deus! Misericordia para o Espirito Santo!... Não viste, Senhor, que quando Ady surgiu das espumas brancas do mar, animada pelo sopro da tua graça divina, na confusão offuscante de todas as luzes, o painel da noite se transformou em dia?... Misericordia, Senhor!... Quando Ady olha as cousas sagradas, uma chuva de ouro e de pérolas se derrama nos astros e nos mundos, e os deuses ficam embaraçados. O Mar não brame, o Vento não se embravece, a Noite se transfórma, e a Terra e o Ar e a Natureza se illuminam e se abalam e estremecem, emquanto o fogo sagrado de seus olhos renasce em chammas de amôr, revivendo os mais lyricos madrigáes de sonho e de peccado. Senhor! Misericordia! Quando Ady sorri, eu percebo que, desde o Céu aos concavos das grutas, desde os vermes aos monstros multifórmes, desde os colibris ás aves do paraiso, desde as arvores copudas ao pollém dos rosaes, tudo vibra e canta e dorme e sonha e ama! E o que é peor, senhor: — Não se passa um minuto só de dia ou de noite que a minha fraca lembrança não a tenha sempre presente, de modo que Ady, sendo o meu mal, é toda a minha alegria. Misericordia, Senhor!

"E Deus, radiante: —"

" — Como? Não a conheces? E' a alma viva da Belleza immortal... Até eu mesmo me ajoelho e me deslumbro deante do olhar de Ady... Ella!... Tudo aos seus pés!... Ella é a maior obra da minha divina Creação... Cobre-a com a pureza ideal do teu olhar... não vês?... Eu sou a Aurora... Ella é a Luz da vida que começa... Examina-a bem. Tens pejo!? Que tolice?... Lança-te em seus braços... Leva a tua bôcca ao encontro de seus beijos, e deixa que as virgens digam que isso é doidice... Anda! Anima-te!... Não esperes que te domine a alma da velhice... No Céu, como no mundo, a verdade só existe no amôr... Aquece o frio do teu Inverno ao calor do Sól do seu verão!... Ama-a!... E dorme em seu seio e canta e sonha!

"E o Espirito Santo, cahindo de joelhos, vencido:

" — Senhor! eu sou o maior escravo da tua obra divina... mas, oh! Deus! a tua creação ainda não está perfeita. Elevaste-a acima do Bello e da fórma acima!... Acima da Belleza e acima do Universo!... Mas, oh! Deus! falta uma coisa essencial nesta Deusa... Manda-a para a Terra... Manda-a, Senhor!... Ady não tem coração!"

* * *

Neste ponto da historia vovó deu um cochilo e nunca mais accordou.

ABAUCTO FERNANDES

OS CRIMES DE SHERLOCK HOLMES

CAPITULO I

EM CASA DO MORTO

E' esta a ultima vez que ouço falar nisso e me calo, exclamou Sherlock Holmes levantando-se e passeando no aposento de um lado para outro.

O seu discipulo Harry Taxon deixou o jornal que acabara de ler em voz alta, e fixou o mestre com um olhar interrogador.

— Que quer fazer, sr. Holmes? O senhor não está encarregado disso, e é muito provavel que ninguem o encarregue, porque só é costume falar-se do crime, depois delle commettido.

— Oh! sem duvida, confirmou o policia gravemente, assim costuma ser. Só em casos excepcionaes se podem descobrir indicios de um crime, antes do mesmo ser posto em pratica, e então evita-se este por todos os meios possiveis e imaginaveis.

— Nesse caso, pela parte que lhe toca, estou certo que o sr. Holmes saberia bem evitar todos os crimes de que tivesse o menor presentimento.

— A tua confiança honra-me muito, meu joven amigo, todavia não sei... Espera, ouço na rua os passos de Berber. Então temos trabalhinhos... elle com certeza não me visitava se não fosse negocio urgente.

Os passos que Sherlock Holmes reconhecera na rua com tanta precisão eram na realidade pouvo vulgares, pois que se percebia distinctamente que o tal Berber coxeava e arrastava os pés simultaneamente.

Logo em seguida entrou no aposento um homem cujo aspecto era tão extraordinario como o andar.

Logo que entrou, sentou-se numa cadeira e exclamou:

— Taxon, presado amigo, depressa um brandy. Nestas ultimas horas tenho me fartado de ver cadaveres e preciso refrescar-me.

Harry trouxe o brandy que Berber sempre e em toda a parte usava para se refrescar, e ficou esperando deante do visitante.

Mas qual não foi o seu desapontamento quando Berber lhe disse:

— Bem, querido filho, podes retirar-te. O que eu tenho a dizer ao teu mestre é por ora destinado somente a quatro ouvidos e não a seis.

Ficando só com o grande criminalista, curvou-se immediatamente perante elle e disse em voz baixa:

— Sir, (vocativo que sempre empregava ao dirigir-se ao seu admiravel amigo). Sir, o velho lord está no auge do desespero... o seu terceiro filho acaba de ser levado para casa morto por um tiro.

— O que, lord Elport? Seu filho Frederico?

— Sim, esse mesmo, quem havia de ser? Eu tinha-

UMA RELIGIOSA

(POR CONAN DOYLE)

lhe dito que este maldito caso occultava um certo methodo. Agora resta só o mais novo, Gerald... não por muito tempo... Esse tambem será morto, provavelmente.

Sherlock Holmes tomou o jornal que pouco antes Harry lhe lera e bateu com as costas da mão num ponto sublinhado a encarnado.

— Ha um quarto de hora, exclamou, lia-me Taxon que o filho segundo de lord Elport não devia ter morrido de morte natural. E eu declarei que de futuro nunca mais ficaria silencioso quando se tornasse a falar no caso... e agora vem o senhor e annuncia-me a nova desgraça. Mandou-o o lord procurar-me?

— Isso não, o senhor bem pode calcular que o pobre velho está como um doido. Corri á estação para me dirigir aqui porque sei que só o senhor será capaz de fazer luz neste mysterio. Venha commigo logo que possa; sei que o lord me ficará reconhecido por tel-o vindo chamar.

— E ainda mesmo que o não ficasse, murmurou Sherlock Holme, o meu dever de homem chama-me para lá, para o palacio Elport. Partamos.

No caminho pediu o policia a narrativa de como as coisas se haviam passado, mas Berber, o monteiro-mor do lord, pouco poude adeantar.

— Lord Elport, disse Berber, estava hoje de manhã em melhor disposições do que do costume, porque recebera a noticia de que Lady Elisa sua sobrinha ia chegar.

"Esta linda e joven senhora devia, segundo eu julgo, casar com Sir Frederico... se era por vontade della, isso é que eu não sei. Esteve uma vez ha muitos annos, ainda creança, no palacio Elport. Nessa época ainda eu lá não estava, era então caçador nas selvas da America.

"O proprio lord entregou a sir Frederico a sua melhor Dritting, porque, segundo elle diz, essa era a melhor arma que então possuia.

"Tres horas depois encontramos nós o mancebo estendido na floresta com uma bala na cabeça.

"Tinha cahido não longe do logar onde eu fôra correndo para lhe apanhar a peça de caça.

— Tinha então uma bala na cabeça? E tem a certeza de que essa bala não sahiu da propria espingarda?

— Sir, de certo não pensa... Que motivo havia de ter sir Frederico, sempre tão alegre, para se suicidar?

— Um motivo que não precisamos nós conhecer,

(*Continúa na pag. seguinte*)

antes de investigar e conhecer os factos. Em primeiro logar precisamentos examinar essa bala...

— Isso não era preciso porque a espingarda delle estava ainda completamente carregada... logo a bala deve ter partido de outrem.

— Hum! Isso já é muito extraordinario.

— O que é extraordinario?

— Que a arma estivesse totalmente carregada... Não tinha sir Frederico feito nenhum tiro nas tres horas?

— Oh! sem duvida! Tinha algumas gallinholas na bolsa de caça mas, como todos os bons caçadores, depois de um tiro carregava sempre de novo.

— Quantos cartuchos embalados tinha Frederico comsigo? Sabe-o com precisão?

— Levava a cartucheira cheia. Quantos cartuchos embalados tinha é que não se póde precisar. Mas quando o encontramos, faltavam quatro cartuchos... tinha morto tres gallinholas... póde ser que errasse um tiro o que póde acontecer a qualquer.

"Não, não, sir: a bala na cabeça de sir Frederico partiu de um assassino. Talvez de algum caçador furtivo que os ha e bastante entre nós.

"O senhor póde pedir ao doutor, que foi chamado e que examinou a ferida, que lhe dê a bala.

— Eu lh'a pedirei, disse Sherlock Holmes pensativo, mas continue Berber, o que pensa o lord de tudo isto? Tem suspeita de algum inimigo que tão cruelmente o possa perseguir?

— Elle não póde ter taes suspeitas, porque na verdade é impossivel que tenha inimigos em qualquer parte do mundo. O senhor sabe que não ha em parte alguma pessoa mais bondosa, melhor bemfeitor e coração mais humanitario do que o delle.

Sherlock Holmes meneou a cabeça em signal de approvação.

Até á chegada ao palacio Elport não deu palavra.

Lord Elport estava em baixo na bibliotheca quando chegou o policia. Não teve este muito tempo para as suas primeiras inspecções, porém muitas vezes bastava-lhe observar bem um cadaver.

Frederico Elport jazia despido na cama, como se dormisse. No seu lindo e joven rosto não havia o mais leve traço de ter succumbido a uma morte violenta e ainda menos de que tivesse commettido um acto de desespero.

Sobre uma cadeira estava o fato que lhe tinham tirado. Sherlock Holmes pegou no fato e examinou-lhe as algibeiras. Não tinha mais do que o necessario a um mancebo que vae á caça: um binoculo, um lenço, uma linda faca de matto e uma bolsa com algum dinheiro para poder dar algumas moedas a mendigos ou creanças que porventura lhe appareçessem.

Já o policia ia collocar o casaco no seu logar, quando ouviu rugir alguma coisa, como papel, mas elle nada encontrava ao vasculhar as algibeiras.

— Aqui deve haver um papel, murmurou provavelmente temos alguma algibeira discreta.

Examinou novamente com toda a precisão e descobriu que dentro da algibeira do peito havia uma dobra que occultava uma fenda que não era mais do que uma segunda algibeira.

Os seus dedos agarraram um papel ou coisa semelhante; tirou-o: era um photographia que representava uma donzella ou uma mulher nova.

Um ligeiro assobio passou pelos labios do policia.

Examinou bem o rosto que apresentava traços finos, mas que no talhe e na expressão tinha um tanto de felino.

Depois o retrato desappareceu na algibeira do policia que disse á meia voz:

— Por esta belleza não perguntei eu a lord Elport, mas sim ao creado grave Tom, que sempre estava em Londres com sir Frederico quando este lá ia á sua morada de rapaz solteiro. Aposto dez contra um, que o lord não sabia nada dos negocios do coração de seus filhos.

"Agora resta um unico... e não me admira nada se de hoje em deante sir, Gerald cheio de cautela, para não dizer de medo, se esconda do mundo e de todos os perigos.

Sir Gerald o mais novo e ultimo dos quatro filhos do lord era official da guarda em Londres.

Justamente quando Sherlock Holmes ia sahindo do quarto do morto, encontrou-se com este filho mais novo da casa, o qual travou conversa com o policia que elle conhecia pessoalmente.

O pallido e bonito semblante de Gerald illuminou-se um pouco ao ver Sherlock e antes de deitar um olhar para o irmão, puxou o policia para fóra do quarto.

— Sr. Holmes, graças a Deus, que chegou... explique-me o enygma desta terrivel fatalidade que nos persegue.

— Sir Gerald, acabo agora mesmo de chegar aqui. Se já tivesse descoberto alguma coisa, então não havia ninguem mais feliz do que eu. Ando ainda ás apalpadelas no escuro; talvez o senhor me possa dizer se tem alguma suspeita, de quem possa odiar tão ardentemente a sua familia a ponto de parecer que todos que a compõem estão condemnados á morte?

— Falaremos depois, dir-lhe ei a quem pessoalmente tenho como inimigo. Tenho-os, e já estou preparado para a bala fatal que não se fará esperar tambem para mim. Os meus tres irmãos, porem, e meu pae, não, elles não tinham inimigos. Pergunte o senhor a quem quizer e todos lhe responderão a mesma coisa e o enigma ficará indecifravel, se o senhor não o resolver.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno..... (52 ns.)..... 48$000
Semestre (26 »)..... 25$000
(Registada)
Anno..... (52 ns.)..... 70$000
Semestre (26 »)..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO
(Porte simples)
Anno..... (52 ns.)..... 78$000
Semestre (26 »)..... 40$000
(Registada)
Anno..... (52 ns.)..... 115$000
Semestre (26 »)..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
K. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

CASA DE SAUDE Dr FRANCISCO GUIMARÃES

O Melhor Da Turma

Seu proprio filho, "o melhor da turma," é o resultado desses cuidados que continuamente lhe dispensam. Essa é a eterna obrigação dos paes: Velar pela sua saúde, pois a saúde é a base fundamental do desenvolvimento physico.

Ao mais ligeiro symptoma de indigestão, acidez e ardor de estomago, nauseas, etc., dê-lhe uma ou duas colherinhas do melhor remedio em sua casa:

LEITE DE MAGNESIA DE Phillips

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

Ouvidor, [illegible] — [illegible] J. CHRISTOPH COMPANY — S. Bento, 35
Rio — S. Paulo